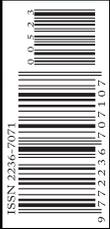


MAR-ABR DE 2016

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 13,80



UMA SOMBRA CHAMADA

DEPRESSÃO





Wellington de Moraes

O demônio do meio-dia

Apesar de soar agressivo, o título deste editorial foi extraído do Salmo 91:5, 6, na versão Douay-Rheims. O texto diz: “[...] tu não terás medo do terror da noite, da seta que voa de dia, da peste que anda no escuro, da invasão ou do demônio do meio-dia”. O escritor norte-americano Andrew Solomon se inspirou nesses versículos para dar nome a uma de suas principais obras: *O Demônio do Meio-Dia: Uma anatomia da depressão* (2001). Em certo trecho do livro, o autor descreve a doença como “o sofrimento emocional que se impõe sobre nós contra nossa vontade e depois se livra de suas circunstâncias exteriores” (p. 16).

De fato, essa realidade tem se tornado cada vez mais comum em nosso cotidiano. A Pesquisa Nacional de Saúde, realizada em 2014, indica essa tendência. De acordo com o estudo, na ocasião, a doença atingia cerca de 11 milhões de pessoas com 18 anos ou mais. Isso representava mais de 7% da população brasileira. Diante dessa constatação, é natural que, em algum momento, como pastores e líderes, nós nos deparemos com alguma das seguintes situações:

Membros da igreja afetados pela depressão. Se, num exercício simples, projetarmos o percentual nacional de pessoas acometidas pela doença ao número de adventistas brasileiros, teremos então a cifra significativa de quase 105 mil pessoas. Qual é nossa reação diante de um membro da igreja quando ele relata sua angústia provocada pela depressão? Certamente, em ocasiões como essa, a intervenção do pastor pode ser bálsamo ou fel na vida de alguém que sofre com esse que é considerado o “mal do século”.

Familiares afetados pela depressão. Como líderes cristãos, sofremos com as angústias de nossos irmãos na fé. Contudo, é natural que a dor daqueles que estão mais próximos de nós seja sentida com maior intensidade. A depressão tem rondado o lar de muitos servos de Deus e atingido seus familiares próximos. O que fazer quando isso acontece? Para vários ministros, essa situação tem sido um fardo difícil de ser suportado. Um senso de incapacidade toma conta e muitos se culpam por não

conseguirem ajudar a pessoa querida. Além disso, alguns temem que essa angústia familiar transcenda os limites do lar e atinja o contexto de sua congregação ou distrito pastoral. Infelizmente, apesar de saberem que a depressão é uma doença, muitos líderes receiam que, de alguma forma, os membros da igreja olhem de “modo diferente” para eles ou para o parente afetado pela enfermidade.

Podemos ser afetados pela depressão. Sim, a doença pode nos alcançar. Alguns pastores relutam contra essa possibilidade, mas ela é real e progressiva. Como algo inerente à posição, o líder cristão exerce um papel fundamental na condução da igreja. Entretanto, o que ocorre quando ele é atingido pela depressão? Sua visão de mundo se torna distorcida e o próprio sentido da vida se perde num emaranhado de emoções confusas. Assim, a forma pela qual o pastor se relaciona consigo mesmo, com a família e com os membros da igreja se altera profundamente. Lamentavelmente, muitos bons soldados de Cristo foram abatidos de tal maneira pela doença que jamais conseguiram se recompor plenamente em seu ministério.

Embora inevitáveis, essas situações podem ser superadas. Ainda que o “demônio do meio-dia” nos assedie, “o Sol da justiça se levantará trazendo cura em suas asas” (Ml 4:2, NVI) à meia-noite. O poder divino disponível para superar a depressão, a visão bíblica integral do ser humano e o auxílio de profissionais e de recursos adequados para combater a doença são elementos fundamentais no processo de restauração.

Quanto a nós, pastores e líderes cristãos, precisamos conhecer acerca do tema, saber aconselhar diante dessa circunstância e agir com eficácia dentro de nosso âmbito de atuação. Assim, testemunharemos na vida daqueles que sofrem com a depressão, o cumprimento da promessa: “na sua angústia Eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei. Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação” (Sl 91: 15, 16). **IM**



Ainda que o “demônio do meio-dia” nos assedie, “o Sol da justiça se levantará trazendo cura em suas asas” à meia-noite.

- 10** **Depressão ou tristeza?**
Ronald W. Pies e Cynthia M. A. Geppert
Como o pastor pode identificar a diferença entre o pesar comum e a depressão grave
- 14** **Saúde para a mente**
Jorge Luorno e Alida Daniele de Luorno
Quatro atitudes poderosas para promover saúde mental
- 18** **Os cristãos e a homossexualidade (Parte 2)**
Roy E. Gane
Princípios do Antigo Testamento para orientar a conduta da igreja em relação aos homossexuais
- 22** **Missão adventista: do despertar ao engajamento (Final)**
Wagner Kuhn e Marcelo Dias
Dez tendências que podem tornar a Igreja Adventista mais eficaz na tarefa de pregar o evangelho ao mundo
- 27** **O cristão e a sociedade pós-moderna**
Rubén Montero
Entenda como a pós-modernidade tem afetado o mundo e como os cristãos devem lidar com ela
- 30** **A aplicação do sermão**
Emilson dos Reis
Aprenda a tornar a mensagem bíblica aplicável a seus ouvintes

2 *Editorial*

4 *Palavra do leitor*

5 *Panorama*

6 *Entrelinhas*

7 *Entrevista*

32 *Além das fronteiras*

33 *Dia a dia*

34 *Recursos*

35 *Ponto final*

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 88 - Número 523 - Mar/Abr 2016
Periódico Bimestral - ISSN 2236-7071

Editor

Wellington Barbosa

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Milenna Vieira

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Designers

Levi Gruber e Cleusa Santos

Capa

©lassedesign | Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Lucas Alves; Jerry Page; Derek Morris; Willie Hucks

Colaboradores

Alberto Peña; Aldo Muñoz; Arildo Souza; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edison Vasquez; Edilson Valiante; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Horácio Cayrus; Jair G. Góis; Leonel Lozano; Mitchel Urbano; Montano de Barros

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo ou correspondência para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 34 - 18270-970 - Tatuí, SP



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34
18270-970 - Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Leandro Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5880 / 33924

AGRADECIMENTO

Fiquei muito feliz ao receber a *Ministério* mais uma vez aqui do outro lado do mundo. A revista é sempre uma fonte segura de conhecimento, orientação e dicas. Quero estender minha gratidão sincera aos editores e colaboradores que a cada bimestre nos oferecem esse presente. Çok Teşekkür Ederim!

Samir Costa
Missionário, Ásia.



interessante, com bons artigos, relevantes para o tempo em que vivemos. Possui estatísticas atualizadas, revela pesquisa e seriedade no conteúdo. Tem artigos com ênfases diferentes, como “O pensamento hebraico”, de Eduardo Rueda, e o polêmico “Os cristãos e a homossexualidade”, de Roy Gane, entre outros. Quero aproveitar a oportunidade e sugerir que o livro apresentado na seção “Recursos” esteja ligado ao tema de capa da revista. Por exemplo, há alguns dias terminei de ler *O caminho de volta*, de Barry Gane. O autor oferece ideias e exemplos que ajudam o pastor a lidar com a espiritualidade dos jovens da atualidade, dos que estão na igreja e dos que estão afastados. Às vezes não sabemos o que fazer para ajudá-los em seus dilemas e desafios. Para isso precisamos buscar informações relevantes, que podem ser apresentadas na *Ministério*. Aproveito para desejar ao novo editor muitas bênçãos nessa nova função.

Heber Toth Armí
Fraiburgo, SC

Olá, Heber! Obrigado por sua mensagem e sugestão. Vamos procurar colocá-la em prática.

Expresse sua opinião. Escreva para ministerio@cpb.com.br ou envie sua carta para Ministério, Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Tatuí, SP.

As cartas publicadas não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editadas por questão de clareza ou espaço.

ENTREVISTA

Quero parabenizar a *Ministério* pela escolha dos temas da última edição. Acho que os artigos são muito relevantes, trazem subsídios para o trabalho do pastor distrital e possuem qualidade indiscutível. Gostaria de salientar a entrevista com Jiwan Moon e dizer que sua ênfase em engajamento jovem na missão foi ao ponto. Precisamos refletir mais em como colocar isso em prática no dia a dia da igreja.

Marcelo Notaro
São Luís, MA

Gostei muito da entrevista com Jiwan Moon, especialmente do ponto em que ele destaca o discipulado como forma de alcançar a nova geração. Certamente, essa tem sido uma ferramenta poderosa para alcançar as mentes pós-modernas. Tenho visto isso em meu trabalho com jovens na Comunidade Yes, no Unasp-SP. Desde que começamos o projeto, há dois anos, batizamos 23 jovens de uma comunidade com 200 pessoas, das quais 70 não pertencem

à igreja. Nosso índice de apostasia é baixíssimo e os membros estão firmes e envolvidos no ciclo de discipulado.

Jackson Roberto de Andrade
São Paulo, SP

PÚLPITO DA NOVA GERAÇÃO

O artigo do pastor Odailson Fonseca sobre pregação às novas gerações é muito relevante. Precisamos urgentemente preencher as lacunas de comunicação com os jovens. Muitos deles estão se sentindo desconectados das pregações ou mesmo da igreja. Eles continuam sendo terreno fértil para o aprendizado bíblico, mas é necessário inovar e sair da zona de conforto para alcançá-los. Isso requer criatividade e adaptabilidade. Que Deus nos ajude a ser relevantes para os jovens!

Fernando Brasil
Curitiba, PR

SUGESTÃO

Gostei de ler a edição de janeiro/fevereiro da *Ministério*. A revista está



O aumento dos desigrejados

Em primeiro lugar, 71% dos entrevistados disseram que uma postura recriminatória contribuiu para que eles saíssem da igreja. Na sequência, 60% indicaram que o excesso de burocracia foi determinante para que abandonassem o contexto eclesial institucional. Em terceiro lugar, foi mencionada a desconexão entre os ensinamentos da igreja e as lutas da vida cotidiana.

É importante destacar que, ao mesmo tempo que os desigrejados rejeitam a vivência eclesial institucional, eles valorizam a ideia de viver em verdadeira comunhão com outros cristãos, em um contexto de simplicidade e proximidade. As estatísticas comparativas entre Estados Unidos e Brasil ajudam a entender melhor as dimensões desse grupo em crescimento.



Estados Unidos

- 30,5 milhões de norte-americanos se declaram cristãos, mas não frequentam nenhuma igreja
- 40% dos desigrejados eram ativos em suas congregações
- 9% dos desigrejados se vinculariam a alguma religião novamente
- 63% não pretendem se vincular novamente à igreja



Brasil

- 4 milhões de brasileiros se declaram evangélicos, mas não frequentam nenhuma igreja
- 62% dos desigrejados saíram de denominações neopentecostais
- 63% declararam que voltariam a frequentar uma igreja que não apresentasse os problemas que os afastaram da comunhão
- 29% não pretendem se vincular a outra igreja novamente

A palavra desigrejado está se tornando cada vez mais comum no contexto evangélico. O termo designa cristãos que escolheram viver sua fé fora da igreja institucional. Os Estados Unidos, maior país protestante do mundo, têm acompanhado o aumento gradativo do número de desigrejados. No Brasil, de acordo com o último censo, já é possível constatar essa tendência também. Josh Packard, professor de sociologia da University of Northern Colorado, recentemente publicou um estudo a respeito dos desigrejados norte-americanos. Além dos indicadores numéricos, esse relatório mostra os principais motivos pelos quais as pessoas estão abandonando as igrejas, não a fé, nos Estados Unidos.

A comparação entre os percentuais dos Estados Unidos e do Brasil pode apresentar números diferentes; contudo, a realidade é igualmente incômoda. A fim de conter esse fenômeno, os líderes cristãos precisam ouvir de forma acolhedora a voz dos desigrejados, voltar-se ao ensino bíblico sadio e apresentar os princípios espirituais contextualizados aos desafios de nosso tempo.

Fontes: Carlos Fernandes, "Desigrejados, fenômeno que cresce", *Cristianismo Hoje* (out/nov 2013): 18-25; Idauro Campos, *Desigrejados – Teoria, história e contradições do niilismo eclesial* (São Gonçalo: Contextualizar, 2014); Josh Packard, *Exodus of the Religions Dones* (Loveland, CO: Group, 2015).

Do desapontamento à alegria



Gentileza DSA

Eles tinham grandes esperanças, convencidos de que uma nova era havia chegado. Pensavam que o que estavam aguardando havia tanto tempo iria finalmente se cumprir. De fato, os sinais estavam por toda parte, mas suas esperanças terminaram em amargo desapontamento. Como poderiam prosseguir rumo a um futuro desconhecido?

Então, de repente, aqueles dois seguidores de Cristo, a caminho de Emaús, reconheceram que Jesus havia estado com eles durante toda a viagem, e Sua presença mudou tudo. Eles viajaram na estrada proverbial do desapontamento à alegria. Como fizeram isso? Sua história pode ser encontrada em Lucas 24.

Compartilharam seus pensamentos (v. 14-16). Na estrada para Emaús, aqueles dois viajantes conversavam a respeito de sua esperança no Messias e da frustração pelo não cumprimento de seus sonhos. Mal perceberam quão próximo literalmente o Salvador estava deles; e que Ele havia chegado. Comentando sobre isso, Ellen G. White diz: “[...] tão absorvidos se achavam em sua tenebrosa decepção que não o observaram muito [o Estranho que os acompanhava]. Continuaram em sua conversa, externando os pensamentos de seu coração” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 795). Permittiram que seus sentimentos sobre os acontecimentos recentes anuviassem sua capacidade de ver que Jesus estava perto deles, esperando para compartilhar *insights* eternos com eles e por meio deles.

Expressaram seus sentimentos a Jesus (v. 18-24). Embora estivessem compartilhando suas preocupações, eles ainda não haviam experimentado o progresso de que necessitavam até que expressaram seus sentimentos a Jesus. Eles estavam com o coração partido, mas Alguém estava prestes a transformar seu desapontamento em alegria.

Escutaram o que Jesus tinha para lhes dizer (v. 25-27). Jesus estava esperando para dizer palavras de conforto a seu coração atribulado. Entretanto, eles se demoraram para abrir o coração a Cristo mais do que Ele em revelar uma mudança de vida para eles. Além disso,



Aqueles dois discípulos caminharam sobre algo além do que a estrada de Jerusalém para Emaús. Eles percorreram a estrada da decepção para a alegria.”

o que Jesus tinha a lhes dizer estava diretamente concentrado em sua missão. A obra de Deus não havia começado apenas três anos e meio antes, e certamente não havia chegado a um fim inglório nas últimas 48 horas. Sua missão era claramente vista em cada cordeiro sacrificado nos altares, e havia acabado de ser testemunhada quando o Cordeiro de Deus foi sacrificado na cruz.

Foram hospitaleiros (v. 29-31). Esses homens, mesmo não sabendo quem era seu Hóspede, o convidaram para tomar uma refeição e descansar em sua casa. Ele, que os havia deixado em suspense com suas palavras ao longo da viagem, então tocou profundamente seu coração quando tomou o pão, partiu e o deu a eles. Naquele momento, seus olhos se abriram, e eles perceberam que aquele que havia acabado de abençoar o pão era justamente quem sempre os havia abençoado com a esperança de que eles iriam, um dia, ver a profecia se cumprir.

Pregaram a mensagem (v. 33-35). Desconsiderando a fome, o cansaço, a segurança pessoal, e uma série de outros fatores físicos e emocionais, esses dois discípulos de Cristo saíram para proclamar a “mensagem das boas-novas de que dependem as esperanças da humanidade para o tempo e a eternidade” (Ibid., p. 801).

Conclusão

No ministério, nós também enfrentamos todos os tipos de desapontamento. Quando estamos lidando com eles, às vezes parece que o fim do mundo chegou e não temos nenhuma esperança quanto ao futuro. No entanto, a pergunta que deve ser feita é: “Como posso passar do desapontamento para a alegria?”

Aqueles dois discípulos *caminharam* sobre algo além do que a estrada de Jerusalém para Emaús. Eles percorreram a estrada da decepção para a alegria – a alegria proveniente da presença de Cristo com eles e do ardoroso desejo de compartilhar as boas-novas do Salvador.

Que todos nós possamos fazer o mesmo! **TM**

Willie E. Hucks II

Editor associado da revista Ministry

O pastor e a depressão



Gentileza da entrevistada

“O pastor precisa entender que não é um ‘semideus’ e sim um ser humano que precisa do outro e de ajuda quando se sente frágil.”

por *Zinaldo A. Santos*

A depressão está atingindo as pessoas cada vez mais cedo, é cada vez mais frequente, e o pastor não está isento dessa realidade. O que ele deve fazer para fechar as portas contra esse distúrbio ou para superá-lo, caso se torne vítima? De que maneira deve agir, ao se deparar com alguém, de sua igreja, que foi apanhado pela depressão? Essas e outras perguntas são respondidas nesta entrevista, por Marta Barbosa de Andrade Gomes, que também dá orientações a respeito de como o pastor deve enfrentar a velhice e consequente jubilação. “Considero a aposentadoria uma grande oportunidade de realizações”, ela declara.

Paraibana de Fagundes, ela nasceu em lar adventista e estudou desde o Ensino Fundamental até a Universidade em instituições da igreja. Graduiu-se na Faculdade de Enfermagem, em 1975, no Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, campus São Paulo, trabalhou no Hospital Adventista de São Paulo, no Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro, e fez várias especializações na área de Enfermagem. É também psicóloga clínica, pós-graduada em Terapia Familiar, e tem formação em Psicanálise, Psicoterapia Breve e Psicologia Geriátrica.

Casada com Paulo Roberto Gomes, advogado da União Sudeste Brasileira da Igreja Adventista, mora e trabalha em Petrópolis, RJ.

Sempre ouvimos falar de algum pastor com problemas emocionais. Há uma resposta para isso?

O pastor é humano, está no mundo, tem sentimentos, desejos, medos, e não está blindado contra os problemas da atualidade. Como seres humanos, quando não conseguimos vivenciar as dificuldades de forma controlada e positiva, adoecemos. Todos nós temos fragilidades, e adoecemos onde somos mais frágeis. Muitas vezes pensamos que nossa atividade nos adoeece; porém, nem sempre esse conceito é verdadeiro. Se gostamos do que fazemos e nos sentimos úteis, sabendo que a escolha profissional foi consciente, se temos objetivos claros, provavelmente seja a nossa maneira de trabalhar que nos adoeece. Isso poderia acontecer estando em outra profissão. Desafios há em todo lugar e em todo trabalho. O que precisamos é aprender a lidar com eles.

Tem-se dito que o pastor vive um conflito, diante do desafio de continuar sendo humano em meio à tentação de ser diferente. Qual é sua opinião sobre isso?

O pastor é uma pessoa pública que está à frente de uma comunidade, liderando, admoestando, e deve transmitir crenças e valores a ser seguidos. O que ele fala e o que faz com sua própria vida tem uma importância significativa na vida das pessoas ao seu redor. Isso é fato. A sociedade coloca um peso sobre o pastor e sua família, querendo que sejam modelos a ser seguidos, e qualquer falha é superestimada. A organização à qual ele pertence tem projetos e expectativas que precisam ser cumpridos e espera resposta positiva da parte dele, independentemente das dificuldades. Essas são realidades inegáveis. Há uma igreja com suas exigências e críticas, às vezes duras, injustas, e uma administração que, em alguns momentos, se apresenta distante, exigente, com aparente dificuldade para ver a pessoa, olhando apenas a produção. Sabemos que a consciência do fazer, da missão cumprida, dá alento e estabilidade emocional à pessoa. Satisfazer o outro nem sempre é possível. Ter esse discernimento e procurar não valorizar tanto a opinião do outro, a ponto de se negar, é necessário para se viver bem. É importante ter autenticidade e calma para gerenciar conflitos internos e externos. Devemos ter a consciência de que existem coisas que não dependem somente de nós e não podemos mudá-las. Então, temos três alternativas: aceitarmos, não valorizarmos ou nos afastarmos delas. O que não deve ter lugar em nossa vida é a insatisfação, a revolta, a mágoa. Esses sentimentos negativos são a porta aberta para as doenças físicas e psíquicas.

O que mais o pastor pode fazer para superar essa condição?

Normalmente, não há como fazer mudanças externas, mas podemos aprender

a mudar nosso interior. É preciso ter consciência das obrigações e procurar cumpri-las, ter consciência das limitações, saber quais são as possibilidades de mudá-las ou aceitá-las, entender que não é um semideus e sim um ser humano que precisa do outro e de ajuda quando se sente frágil. A família é um bem precioso e único. Estar bem com ela, ter uma convivência de amizade e afeto dá equilíbrio para suportar as vicissitudes da vida externa. Muitas vezes, pelo fato de sermos vistos pelos outros como pessoas importantes, temos a tendência de achar que somos importantes. Para manter esse *status*, negamos a nós mesmos, nossas necessidades, as necessidades da família e até nossa comunhão

O que não deve ter lugar em nossa vida é a insatisfação, a revolta, a mágoa. Esses sentimentos negativos são a porta aberta para as doenças físicas e psíquicas.

com Deus. Quando fazemos isso, a tendência é adoecer. O pastor também precisa cuidar de sua saúde física, psíquica, social e espiritual. O criador da nossa máquina deixou orientações no manual de funcionamento ao qual todos temos acesso. O problema é seguir essas orientações. Entretanto, a distância entre o discurso e a prática precisa ser diminuída. Isso é possível através de um trabalho consciente.

O que a senhora tem a dizer para alguns religiosos para os quais “líderes espirituais” com depressão ainda parece ser um “tabu”?

Depressão é doença, não é fraqueza de caráter nem de fé. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2025 a

depressão será a maior causa de absenteísmo ao trabalho, no mundo. De modo simplista, falarei sobre o que acontece com o cérebro no processo da depressão. No cérebro existem substâncias chamadas neurotransmissores, que são hormônios cerebrais (dopamina, serotonina, noradrenalina e outros), cuja função é levar informações de uma célula nervosa a outra; o que chamamos de sinapse. Na falta dessas substâncias aparecem diversos sintomas emocionais e físicos que tiram a pessoa de seu equilíbrio. Alguns dos sintomas são falta de energia, angústia, ansiedade, dores generalizadas, falta de esperança, de ânimo, de prazer, medo, problemas de concentração e, às vezes, pânico desencadeado pela ansiedade descontrolada. Existem graus de depressão dependendo dos sintomas avaliados: leve, média e grave. O grau leve pode ser tratado com mudança dos hábitos de vida e com psicoterapia. Nos graus médio e grave é necessário o uso desses itens citados, além da medicação antidepressiva. O medicamento trata os sintomas repondo neurotransmissores; a psicoterapia trata a causa, ou trabalha o entendimento da vida para que a pessoa não volte a ter o problema, ou entenda seu problema.

É o tratamento integrado: medicação com psicoterapia. O profissional que trata o depressivo deve avaliar o tipo de depressão e determinar o tipo de tratamento recomendado. A oração ajuda muito a suportar a doença. Ter certeza de que Deus está ao lado fortalecendo e protegendo faz toda a diferença.

A aposentadoria parece ser um causador de depressão para muitas pessoas. O que fazer para enfrentar a realidade da velhice e suas limitações?

A vida tem princípio, meio e fim. Nada é eterno, nossa finitude é nossa companheira desde nosso início. Infelizmente, não pensamos nisso e agimos como se o fim não existisse.

Se pensássemos que a vida tem ciclos, poderíamos vivê-los de modo mais intenso, fechando-os para que pudéssemos abrir outros ciclos com alegria. A velhice faz parte dos ciclos da vida, e só fica idoso quem tem o privilégio de viver muito. Considero a aposentadoria uma grande oportunidade de realizações. Nessa fase, conhecemos todos os “desígnios do Céu”, já construímos nossa estabilidade financeira (pelo menos deveríamos), não dependemos de ordens alheias, somos senhores de nosso tempo. Há muito a ser feito nesse estágio da vida. Muitos descobrem uma nova profissão, outros trabalham em projetos beneficentes, outros viajam, curtem a família e a vida com liberdade. Não mais é necessário parecer ser. A autenticidade dessa fase nos liberta. O pastor tem *status* e *glamour*. O perigo é ele se acostumar com isso, pois, com a aposentadoria, ele perde esse lugar, tornando-se um cidadão como outro qualquer. Ele perde a função, porém, jamais perderá a vocação pastoral. Continuará até a morte sendo ungido do Senhor. É uma atividade que ele pode exercer depois da aposentadoria, com liberdade e intensidade. As igrejas estão sedentas por mensagens de pastores experientes que possam ajudá-las a crescer espiritualmente. Ouço de muitos idosos que vivem como se estivessem no passado; com isso, eles não aproveitam as boas coisas da aposentadoria.

De que maneira o pastor pode “trabalhar a própria cabeça” para aceitar essa realidade?

O pastor e a igreja têm o que fazer. Hoje, as grandes empresas têm um programa de preparo para a aposentadoria (PPA), que consiste em apresentar para o servidor condições e meios para que ele tenha uma boa aposentadoria e saiba desfrutá-la, ocupando o tempo com atividades prazerosas e salutares. Considero fundamental um preparo

para pessoas que estejam chegando a esse momento na vida. A aposentadoria deve ser vista como um privilégio e um prêmio, não como castigo. Minha sugestão é que os pastores aposentados busquem novas participações nos mais diferentes grupos sociais, resgatem antigas amizades, façam novas amizades, descubram novos dons, tenham novos objetivos de vida, procurem viver de modo produtivo e feliz. O pensamento modifica o comportamento.

Será muito produtivo que durante os anos de sua formação, o pastor receba conhecimento e orientações para entender a parte psíquica do ser humano e como detectar alterações de comportamento que sirvam de alerta, antes que a doença se instale.

Outro aspecto do trato do pastor com a depressão é o trabalho dele com membros da igreja acometidos por essa desordem emocional. Como o pastor e o profissional de saúde podem ser parceiros?

A igreja é composta de pessoas, muitas delas vivem conflitos e desequilíbrios psíquicos, e buscam ajuda na própria igreja. Entendo que ela seja o lugar em que se busca ajuda para a cura espiritual, e forças para suportar o sofrimento, não para tratar doenças. O pastor, por mais informações e conhecimentos que tenha, não é profissional habilitado para tratar doenças. Ele ajuda, aconselha, dá conforto espiritual e sugere o encaminhamento

ao profissional habilitado, quando solicitado a isso. Conhecendo os membros de sua igreja, observando as queixas e o comportamento deles, ouvindo sobre seus sintomas, o pastor pode saber que se trata de problemas não espirituais, que é doença, e não deve assumir o tratamento. Junto à família, deve orientar a procura de ajuda profissional especializada. Se na igreja há médicos e psicólogos, ele pode dialogar com esses profissionais a respeito do caso e solicitar ajuda. Caso contrário, o pastor deve buscá-los na cidade ou em sua região. Será muito produtivo que durante os anos de sua formação, o pastor receba conhecimento e orientações para entender a parte psíquica do ser humano e como detectar alterações de comportamento que sirvam de alerta, antes que a doença se instale. A partir desse conhecimento, haverá maior segurança no encaminhamento.

O que mais a senhora tem a dizer para que os pastores tenham mais saúde emocional e física?

O pastor é um ser humano, com sentimentos, limitações e impossibilidades. Não é inferior nem superior a ninguém, apenas é “filho de Deus”, o que já é o máximo. Assim, ele deve conhecer sua força e suas fragilidades. Deve administrar sua agenda, priorizando tempo para comunhão com Deus, consigo mesmo e com a família. Desses relacionamentos depende o equilíbrio com todos os demais. Procure trabalhar da melhor forma possível, conforme ordena o Pai celestial. Não gaste suas energias físicas e psíquicas com coisas sobre as quais não pode legislar nem pode mudar. A vida é muito curta para nos preocuparmos com superficialidades. Pensemos mais nas coisas lá do alto, do nosso Pai, e jamais percamos de vista que estamos de viagem para nosso verdadeiro lar! **M**

Ronald W. Pies
Professor de Psiquiatria
na Universidade
Syracusa, Nova York, e
na Escola de Medicina
em Boston, Estados
Unidos



Cynthia M. A. Geppert
Professora de Psiquiatria
e Ética na Escola de
Medicina do Novo México,
Estados Unidos



Gentileza da autora

Depressão ou tristeza?

Conheça as principais diferenças entre ambas

Como psiquiatras, também somos familiarizados com o sofrimento que acompanha a depressão clínica. Contudo, como especialistas em ética e escritores sobre temas espirituais e religiosos, também nos preocupamos com a discussão entre depressão e luto comum. Cremos que essa seja uma questão importante, digna de consideração por parte de pastores e conselheiros. Como o conselheiro distingue o luto comum (uma emoção normal e adaptável, para cujo acompanhamento os pastores são normalmente treinados) da depressão, que em geral requer ajuda psicológica especializada e, em alguns casos, tratamento psiquiátrico?

O fenômeno bíblico do sofrimento

A distinção entre depressão e luto parece tão antiga quanto o relato histórico. No Salmo 38, o salmista lamentou seus pecados. Ele disse: “Não há parte sã na minha carne, [...] não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado [...]. Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas, por causa da minha loucura. Sinto-me encurvado e sobremodo abatido, ando de luto o dia todo [...] dou gemidos por efeito do desassossego do meu coração” (v. 3-8). Psiquiatras modernos reconheceriam nessa descrição sintomas de grande depressão, tais como lentidão psicomotora (“sinto-me encurvado e sobremodo

abatido”) e humor severamente deprimido. O senso de decadência corporal e de autorrejeição do salmista é mais sugestivo de depressão do que de mera tristeza, na qual o senso de autoestima normalmente fica intacto.

Em contraste com o Salmo 38, o mesmo Davi, após a morte de seu querido amigo Jônatas, estava longe de se sentir “encurvado e sobremodo abatido”. Depois de um breve período de pranto e jejum, o rei foi movido a escrever um cântico inspirador, conhecido como “O lamento de Davi por Saul e Jônatas” (2Sm 1:17-27), dedicado ao falecido amigo. “Como caíram os valentes [...] Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo para comigo!” Aqui não há traços de autorrejeição nem decadência corporal, como encontrados no Salmo 38. Ao contrário, na tristeza de Davi pelo homem descrito como sendo amado “como à sua própria alma” (1Sm 18:1), ouvimos uma nota triste de saudade. É digno de nota que a expressão de tristeza de Davi lembra “os velhos tempos” de amizade com o falecido. Conforme veremos, a habilidade para citar lembranças positivas do finado é um dos sinais do luto depois do falecimento, e raramente é vista na depressão.

Anatomia da tristeza e depressão

Embora algumas vezes seja difícil perceber os limites entre o luto e a depressão,

há características que nos ajudam a distinguir essas condições. Por exemplo, quando experimentamos tristeza ou angústia cotidianas, geralmente nos sentimos (ou pelo menos somos capazes de sentir) ligados com outros. O luto saudável é dirigido para uma recordação de longo alcance das memórias do ente querido. Nesse processo de recordação, a compaixão e companhia de amigos, familiares e do pastor frequentemente ajudam a pessoa desolada. Enquanto a experiência é compartilhada, a memória do falecido é “avivada” e a pessoa enlutada é “fortalecida”.

Em contraste, quando experimentamos depressão séria, tipicamente nos sentimos rejeitados e sozinhos. Para usar os termos de Martin Buber, a tristeza é uma experiência “eu-tu”, ou relacional. A depressão é uma preocupação mórbida “comigo”. De fato, William Styron descreve as pessoas depressivas como tendo “sua mente agonizantemente voltada para dentro”.¹ A depressão grave consome o eu e forma uma fortaleza mental que, sem ajuda clínica, nem o pastor nem os familiares podem romper.

O senso subjetivo da pessoa também difere no luto e na depressão. Quando experimentamos tristeza comum temos o senso de que, algum dia, ela findará. Conforme o salmista diz, “ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30:5). Por sua vez, a depressão severa

nos envolve com o senso de que durará para sempre. Nassi Ghaemi chama atenção para o senso de distorção temporal na depressão, ou seja, o sentimento subjetivo de que o tempo é lento.² A tristeza tem a capacidade de conter a alegria interna ou, pelo menos, de encontrar consolo dentro de sua própria essência. Nesse sentido, ela é dialética: gera uma “conversação” interior entre a possibilidade esperançosa e o desespero – especialmente em pessoas de fé, que são capazes de ver a tristeza *sub specie aeternitatis* [do ponto de vista da eternidade]. Assim, quando Martinho Lutero foi confrontado com a morte iminente de sua filha Madalena, ele disse estas palavras, enquanto ela morria em seus braços: “Querida Lena, minha filhinha! Tu ressuscitarás e brilharás como uma estrela, sim, como o sol! Estou espiritualmente feliz, mas na carne estou muito triste.”³

Além disso, há uma dimensão intencional para sofrimento e tristeza, ausente na depressão. Assim, somos tragados ou “invadidos” pela depressão como uma força fora de nós, ao passo que nos entregamos à tristeza. Em seu relato autobiográfico, Andrew Solomon comentou sobre “o terrível sentimento de invasão presente na condição do depressivo”.⁴

Finalmente, a depressão é experimentada como excluindo a possibilidade de avançar na vida. Em contraste, embora o sofrimento e a tristeza, geralmente, sejam profundamente dolorosos, eles também provêm oportunidades para o crescimento espiritual. Essa perspectiva é satisfatoriamente elucidada pelo psicoterapeuta e ex-monge Thomas Moore: “A tristeza tira a atenção da vida ativa e focaliza sobre as coisas que mais importam. Quando você atravessa um período de extrema perda ou sofrimento, reflete sobre pessoas que mais significam para você, em vez de pensar em sucesso pessoal; reflete no profundo enredo de sua vida, em vez de entretenimento e distrações.”⁵

O caminho da tristeza relacionada à perda

Conforme Katherine Shear observou, “a universalidade da tristeza é tão incontestável quanto sua unicidade. A tristeza é uma experiência compartilhada por toda a humanidade. É uma resposta instintiva que compreendemos em um nível intuitivo. Naturalmente esperamos que a tristeza evolua ao longo do tempo, tornando-se remodelada e integrada enquanto fazemos as pazes com a dura realidade. Ainda assim, ficamos confusos com o que essa transformação se parece e quanto tempo deve demorar”.⁶

De fato, não há um andamento previsível nem “correto” para a tristeza relacionada à perda. De acordo com a explicação de Katherine Shear e Sidney Zisook, muitos fatores estão em jogo: “A intensidade e duração da tristeza é altamente variável. Não apenas na mesma pessoa ao longo do tempo ou depois de perdas diferentes, mas também em diferentes pessoas que tratam ostensivamente com perdas semelhantes. A intensidade e duração é determinada por múltiplas forças, incluindo, personalidade, estilo de apego, constituição genética e vulnerabilidades exclusivas, idade e saúde, espiritualidade e identidade cultural, apoios e recursos, número de perdas e a natureza do relacionamento.”⁷

Gênero e cultura também podem modelar o aspecto da tristeza. Assim, embora os estereótipos devam ser evitados, homens na cultura ocidental podem omitir expressões emocionais, que socialmente são “permitidas” às mulheres. Apesar das muitas variáveis, algumas declarações gerais sobre o curso normal da tristeza se aplicam. Nos primeiros dias e semanas depois da morte de um ente querido, o enlutado tipicamente experimenta tristeza aguda. Às vezes isso pode ser um período intensamente doloroso, durante o qual a pessoa triste pode experimentar frequentes crises de choro; dificuldade para dormir e se concentrar; redução do apetite; diminuição do desejo de socializar-se, apesar de

ter alguma receptividade à consolação oferecida por amigos e familiares, o que é caracteristicamente ausente na depressão. A tristeza é experimentada tipicamente em “ondas” ou “pontadas”, em lugar da melancolia incessante da depressão. Frequentemente mesclada com a tristeza estão as recordações agradáveis sobre o falecido.

Não é incomum que a pessoa recentemente enlutada possa ouvir a voz ou ver em relances a imagem do falecido.⁸ Os pastores podem ajudar os profissionais de saúde mental a reconhecer essas visões como manifestações esperadas de tristeza aguda em vez de sintomas de depressão psicótica.

Muitos elementos de tristeza podem ser minimizados pelos rituais confortadores de lamento, tais como os sete dias de *shiva* na fé judaica. O isolamento social ou cultural pode intensificar a dor aguda. Se o processo de luto e tristeza transcorrer conforme o esperado, uma transição sutil terá início, normalmente com os primeiros cinco meses depois da perda – isto é, o surgimento da tristeza integrada. Durante essa fase, a dor da perda é entrelaçada no grande tecido da vida da pessoa enlutada. A tristeza integrada requer maior aceitação da morte, renovado interesse e engajamento na vida, predominância de emoções positivas quando se lembra da pessoa falecida, e uma redução na preocupação com pensamentos e lembranças dela.⁹

Isso não significa que a perda seja sempre esquecida ou ignorada. Nem a pessoa enlutada deve ser aconselhada com algo como: “Supere isso e vá em frente!” A tristeza não é tanto uma experiência como o desdobramento de um processo, que pode persistir durante anos, ou a vida inteira.

Pastores conselheiros e capelães podem cooperar com clínicos de saúde mental para ajudar o enlutado a ver o luto como um tipo de relacionamento invertido ou transformado com a pessoa falecida – e que pode durar muitos anos. É por isso que o enlutado diz tão frequentemente: “Ela está viva em minha memória”, o que é um

conceito altamente espiritual. Para algumas pessoas enlutadas, a tristeza prolongada pode envolver visitas periódicas ao túmulo do falecido ou a participação em cerimônias religiosas que cultivam a honra da pessoa que morreu e proveem oportunidade para lembrar.¹⁰

A tristeza não é uma desordem nem requer tratamento especializado. Entretanto, algumas vezes, esse processo acaba sendo complicado de alguma forma. De fato, o termo tristeza complicada frequentemente é aplicado quando a transição da tristeza aguda para a integrada é partido ou interrompido. Os pastores devem ser capazes de reconhecer a tristeza complicada, porque ela pode ser um aviso de progressão e integração da tristeza, ou prognóstico do desenvolvimento de grande depressão. As duas coisas podem necessitar de tratamento profissional, junto ao contínuo apoio espiritual. Embora a discussão da tristeza complicada esteja além do âmbito deste artigo, Shear e outros especialistas têm descrito alguns aspectos característicos como:

- Dificuldade contínua em aceitar a morte, por um período superior a seis meses.
- Persistente e forte saudade do falecido.
- Ira ou amargura em relação às circunstâncias da morte.
- Preocupação com o falecido.
- Excessivo escape de qualquer lembrança do falecido.
- Futilidade em relação ao valor de continuar a vida e os relacionamentos.
- Incapacidade e enfraquecimento no desempenho.¹¹

Retrato da depressão grave

O pesaroso e o gravemente deprimido habitam dois diferentes reinos existenciais, embora os dois “universos” se cruzem em alguns aspectos vivenciais. A pessoa triste e a gravemente deprimida, por exemplo, descrevem melancolia e perda. A pessoa gravemente deprimida, entretanto, suporta um único tipo de sofrimento assassino da alma, eloquentemente descrito por William

Styron: “A morte passou a ser uma presença diária, soprando em mim ventos frios. Misteriosamente e em maneiras totalmente distantes da experiência normal, o chuveiro triste do horror induzido pela depressão assume a qualidade de sofrimento físico [...]. [O] desespero, fruto de algum jogo distorcido de uma mente doente, assemelha-se ao diabólico desconforto de estar preso em um quarto ferozmente superaquecido [...], [assim] é inteiramente natural que a vítima comece a pensar incessantemente que foi esquecida [...] Na depressão, a fé na libertação, na restauração final, é ausente”.¹²

Como sugere essa descrição, há marcantes diferenças experienciais entre a tristeza decorrente de luto e a depressão clínica. Por exemplo, os pastores e conselheiros devem estar atentos à importância de reconhecer que, se as pessoas tristes têm desejo de morrer, isso normalmente envolve pensamentos sobre o “encontro” com o ente querido, abrindo a chance para algum consolo espiritual. Em contraste, o humor de pacientes com depressão severa é frequentemente acompanhado por pensamentos ou planos de suicídio e do senso de que eles “não merecem” viver.

Essas ideias ou planos suicidas, principalmente quando acompanhados por expressões de autorrejeição e culpa, representam uma verdadeira emergência psicológica que requer adequada intervenção por especialistas em saúde mental. Ao contrário da pessoa em sofrimento normal, a que está severamente depressiva usualmente é muito centralizada nela mesma e emocionalmente isolada, para apreciar o consolo de outros ou buscar e responder ao conforto pastoral. Em contraste, a pessoa com tristeza comum mantém um forte laço emocional com amigos, familiares e, em alguns casos, pastores, dos quais aceitam conforto. Na verdade, o psicólogo Kay R. Jamison observou que “a capacidade para receber consolo é a diferença importante entre o luto e a depressão”.¹³

Algumas vezes, amigos, familiares ou clínicos inexperientes podem confundir

luto comum com depressão grave. Entretanto, mais comumente, sintomas de depressão são erroneamente descartados como “normais”, simplesmente porque eles ocorrem logo após a morte de um ente querido. Essa enganosa percepção toma a forma do que eu (Ronald Pies) costumo chamar de “falácia da empatia enganosa” – a noção errada de que, se podemos compreender como alguém se torna depressivo, teremos estabelecido que o humor da pessoa é normal.¹⁴

Conselheiros, religiosos ou não, podem ser especialmente vulneráveis para essa bem-intencionada, mas errônea “normalização”. Na tradição judaico-cristã, o enlutado tem um status especial de reverência e recusa de responsabilidade que frequentemente é ritualizado. Pastores e terapeutas igualmente podem achar desconfortável a opinião de que o enlutado esteja “depressivo”, mas, ao aceitar o fato, eles podem ajudar a reduzir o estigma da diagnose, que frequentemente evita que pessoas religiosas busquem tratamento mental.

Considerando que a tristeza e a depressão são condições separadas, segue-se que as duas podem coexistir, particularmente depois do luto, e podem tirar muito proveito do cuidado colaborador dos pastores e profissionais de saúde mental. De fato, o luto, longe de “imunizar” a pessoa contra a depressão grave, é realmente um precipitante comum da doença.¹⁵ Tudo isso torna mais importante que capelães e conselheiros pastorais reconheçam a depressão grave e respondam apropriadamente a ela. Geralmente, pessoas religiosas têm muito mais confiança nos pastores do que nos clínicos. De fato, um sacerdote, pastor ou rabi, pode ser a única pessoa capaz de persuadir o enlutado a buscar ajuda especializada em saúde mental. Se houver suspeita de depressão grave, deve ser garantido o encaminhamento a um profissional de saúde mental. Em casos mais moderados, apenas o tratamento psicoterápico é suficiente. Para episódios mais graves de depressão, pode ser requerido o uso de medicamentos.

Transtorno depressivo grave (TDG)

Definição/conceito	Doença psiquiátrica na qual a angústia e o sofrimento são marcantes, e as funções normais são significativamente prejudicadas. As mais severas formas de TDG são depressão grave psicótica e “melancólica”.
Característica de humor e tom dos sentimentos	Usualmente, um sentimento profundo e penetrante de desespero, abandono, melancolia, aniquilamento, “tempo parado”. Redução significativa de prazer em quase todas as atividades.
Variabilidade de humor e sentimentos	Pouquíssima mudança de um dia para outro, sentimentos positivos diminuídos ou ausentes (inabilidade para experimentar emoções positivas é marca de depressão grave); humor altamente depressivo na maioria dos dias, por mais ou menos duas semanas. Raramente consolável por amigos ou familiares.
Sono, apetite	Acordar demasiadamente cedo (4h, por exemplo) é uma característica. Raramente há excesso de sono. Perda de apetite frequentemente leva a significativa perda de peso. Raramente há ganho de peso na depressão “atípica”. Não raro, anorexia severa, com substancial perda de peso.
Energia, mudança psicomotora	Marcante desaceleração dos processos mentais e diminuição da energia; significativo aumento ou diminuição da atividade motora (aumento do volume da fala, redução do desempenho; muita agitação, esfregar as mãos, mexer nos cabelos, etc.).
Teste de realidade	Severo TDG com psicose pode mostrar delírios de decadência corporal, punição da parte de Deus; pode experimentar alucinações auditivas depreciativas.
Autoimagem	Autorrejeição, sentimentos de indignidade, ser alguém “imperdoável” ou “pecador terrível”; profundo e corrosivo sentimento de culpa sem razão evidente.
Pensamentos de morte	Ideais e planos suicidas são comuns; a pessoa pode ter sentimentos como “não mereço viver”.
Função social/vocacional	O afastamento social é frequentemente profundo; a pessoa se sente altamente estranha a outros; pode se isolar no quarto, recusar qualquer visita.
Curso/resultados	Duração variável, frequentemente ao longo de muitos meses e, algumas vezes, anos, se não for adequadamente tratado. O suicídio é o resultado em cerca de 4% daqueles que sofrem depressão grave.
Tratamento	Frequentemente requer tratamento profissional, com psicoterapia ou medicação, ou as duas coisas.

Entretanto, mesmo após o encaminhamento, o cuidado pastoral é salutar, especialmente para a solução da tristeza e o apoio espiritual do enlutado. Queremos animar os pastores e profissionais de saúde mental para que sejam parceiros no trabalho da saúde integral, abordando assim as dimensões física, mental e espiritual da pessoa.

Luto e depressão grave ocupam diferentes campos da experiência humana, embora compartilhem alguns aspectos e possam coexistir na mesma pessoa. Isso pode complicar o diagnóstico e o tratamento, particularmente se o conselheiro ou clínico não estiver familiarizado com as diferenças substanciais entre tristeza e depressão. No período agudo pós-luto, essas discriminações são especialmente

importantes porque elas têm relação direta sobre disposição e tratamento. Quando for aconselhar a pessoa recentemente enlutada, o conselheiro, bem como o profissional de saúde, deve reconhecer as advertências e responder aos sintomas de episódios da depressão grave, que requer tratamento profissional. **M**

Referências:

¹ William Styron, *Darkness Visible: A Memoir of Madness* (Nova York: Vintage, 1992), p. 47.

² S. Nassir Ghaemi, *Schizophrenia Bulletin* 33(2007): 122-130.

³ Murat Halstead, *Story of Opportunity or Character Building* (Whitefish, MT: Kessinger Publishing, 2003), p. 582.

⁴ Andrew Solomon, *The Noonday Demon: An Atlas of Depression* (Nova York: Touchstone, 2002), p. 293.

⁵ Thomas Moore, *Dark Nights of the Soul: A Guide to Finding Your Way Through Life's Ordeals* (Nova York: Cotham, 2005), p. 211.

⁶ Katherine Shear, *Pacific Standard*, 16 de junho de 2014, <www.psmag.com>.

⁷ Sidney Zisook e Katherine Shear, *World Psychiatry* 8, nº 2 (jun. 2009), p. 67-74.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ M. Katherine Shear, Angela Chesquiere e Kim Glickman, *Current Psychiatry Reports* 15, nº 11 (nov. 2013), p. 406.

¹² William Styron, *Op. Cit.*, p. 50.

¹³ Kay Redfield Jamison, *Nothing Was the Same: A Memoir* (Nova York: Knopf Doubleday, 2009), p. 178.

¹⁴ Kristy Lamb, Ronald Spies e Sidney Zisook, *Psychiatry* (Edgmont) 7, nº 7 (jul. 2010), p. 19-25.

¹⁵ Sidney Zisook, Ronald Spies e Alana Iglewicz, *Journal of Psychiatry Practice* 19, nº 5, (set. 2013), p. 3886-3896.

Jorge Luorno
Professor da Faculdade
de Teologia da
Universidad Adventista
del Plata, Argentina



Gentileza do autor

Alida Daniele de Luorno
Psicóloga, trabalha no
serviço de Saúde Mental
do Sanatório Adventista
del Plata, Argentina



Gentileza da autora

Saúde para a mente

Atitudes simples podem promover o bem-estar mental

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem como uma de suas crenças distintas a observância de princípios que levam à vida saudável. Contudo, é interessante notar que, no início da denominação, seus ministros foram um tanto quanto resistentes à aplicação desses conselhos inspirados em sua vida.¹

Ainda hoje é relativamente comum encontrar pastores que são bons em aconselhar outros sobre saúde, mas, de certa forma, resistentes na hora de praticar em sua própria vida os mesmos princípios compartilhados. Talvez isso se deva ao fato de que os ministros se sintam invulneráveis, em virtude de estarem no serviço do Senhor.

No entanto, a realidade é que nós, pastores, somos seres humanos e, como tais, vulneráveis. O apóstolo Paulo disse ter um “espinho na carne” (2Co 12:7), provavelmente referindo-se a uma visão limitada. Por que, então, não poderíamos ter um espinho na mente? Os ministros não estão imunes à doença, incluindo aquelas

que afetam a psique e requerem tratamento profissional.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, até 2020, nas regiões mais desenvolvidas, a depressão se tornará a principal causa de enfermidade, ao lado de doenças coronárias e acidentes de trânsito, e será o segundo principal motivo de invalidez.²

A maioria dos adventistas pode explicar facilmente quais são os oito remédios naturais apresentados por Ellen White.³ Entre eles, o que tem maior projeção no

campo da saúde mental é a confiança em Deus. Entretanto, esse não é o único que a autora sugere para esse aspecto. Quais são os outros?

Ela apresenta no livro *A Ciência do Bom Viver* outros três remédios (dos quais pouco falamos) que, além de contribuir com o bem-estar mental, também afetam positivamente a saúde física geral. Diz a escritora: “*Gratidão, regozijo, benignidade, confiança no amor e no cuidado de Deus – eis as maiores salvaguardas da saúde.*”⁴



É interessante notar que o conselho de Ellen White é comprovado pela ciência da saúde mental, especialmente pelo movimento psicoterapêutico denominado Psicologia Positiva. Essa corrente contrasta com as terapias tradicionais, que tratam principalmente das questões relacionadas às carências humanas e sua possível reparação, como depressão, estresse, ansiedade, vícios, suicídio, entre outros transtornos.

Quem promove a psicologia positiva explica: “A psicologia do século 21 deveria se preocupar não apenas em *reparar* o dano psicológico, mas também em estudar como são reforçadas as qualidades positivas que todos os seres humanos possuem.”⁵ Devemos acrescentar que esse reforço pode ser maravilhosamente acompanhado pelo trabalho eficaz do Espírito Santo. Vejamos os efeitos positivos que esses quatro remédios podem promover em nossa saúde física e mental.

Gratidão

Em meio à crise econômica global, as pessoas tendem a valorizar mais os laços pessoais do que os aspectos materiais. Nesse contexto, a gratidão contribui para que isso ocorra. O fato é que nossa qualidade de vida será maior à medida que nossos relacionamentos forem mais sólidos.

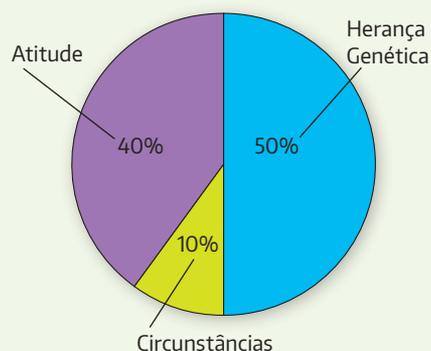
Os pastores precisam estabelecer boas relações. Os irmãos que nos apoiam nas atividades da igreja não recebem remuneração por seu trabalho. Por isso, gostam quando seu esforço é apreciado e reconhecido. O espírito de gratidão manifesto pelo pastor gera um clima positivo, que estimula o empenho dos voluntários e promove o desenvolvimento das diversas atividades da congregação local.

Ellen White resume o efeito da gratidão na saúde quando diz: “*Coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma do que o espírito de gratidão e louvor.*”⁶ Podemos nos perguntar: Como a gratidão pode ajudar nossa saúde? Quanto a isso, devemos destacar que tem

sido possível provar cientificamente que pessoas gratas tendem a experimentar emoções positivas como contentamento, alegria e esperança com muito mais frequência do que pessoas ingratas.⁷ Essa qualidade pode gerar um ambiente positivo que alimenta a pessoa grata, melhorando sua saúde física e emocional.

Alegria

Ao longo do tempo, pesquisadores descobriram que a tão procurada felicidade não se encontra, mas se constrói. Somos capazes de criá-la; portanto, ela depende de nós. Eles também provaram que pessoas felizes não são aquelas que não têm problemas, mas aquelas que podem lidar com os reveses e seguir em frente, com a ajuda de Deus.



Após extensa pesquisa, Sonja Lyubomirsky tentou identificar as causas do bem-estar e da felicidade. Seu trabalho constatou que 50% das causas estão ligadas a aspectos determinados geneticamente.⁸ Apenas 10% dos níveis de felicidade que alcançamos estão relacionados às diferentes circunstâncias experimentadas. Para provar isso, a pesquisadora cita um estudo feito nos Estados Unidos, no qual se demonstrou que os empresários americanos relataram níveis de felicidade pessoal pouco maiores do que o de seus funcionários.

A constatação de que as circunstâncias da vida têm pouca relevância para nosso bem-estar e não constituem a chave para nossa felicidade nos encoraja a buscá-la por nós mesmos!

De fato, se fôssemos gêmeos idênticos e tivéssemos vivido as mesmas circunstâncias de vida, diz Sonja, diferiríamos em nível de felicidade. Sua pesquisa constatou que há um terceiro fator por trás de nossa capacidade de ser feliz: a atitude. Ela se reflete na nossa maneira de pensar e em nossas atividades cotidianas. Esse fator é valioso porque nos permite decidir e exercer controle total sobre nossa felicidade. Não há nada que possamos fazer quanto à herança genética. Não temos o domínio completo das circunstâncias da vida; contudo, temos o controle de nossas atitudes. Ou seja, 40% das causas do bem-estar e da felicidade estão em nossas mãos!

Vemos em declarações de Ellen White um reflexo dessa mesma posição. Para a escritora, alegria e felicidade são resultado da atitude pessoal: “Por meio de Cristo *podemos e devemos* ser felizes e adquirir hábitos de domínio próprio.”⁹ À primeira vista, a declaração chama a atenção porque temos a ideia de que a felicidade não pode ser enquadrada como um dever, pois ela aparece somente de acordo com as condições. Como, então, podemos nos obrigar a ser felizes?

Ellen White afirma que podemos *dirigir* nossos pensamentos. Além das circunstâncias em torno de nós, temos a opção de conduzir o rumo do que pensamos a respeito do que nos acontece e de como interpretamos os fatos. Quantas vezes você se deparou com um membro da igreja que tende a pensar negativamente de quase tudo, enquanto outro prefere destacar as coisas positivas, mesmo em tempos difíceis? E quanto a nós? Não somos a exceção! Podemos manter atitudes que, de alguma forma, predeterminam nossa interpretação da realidade.

Além disso, a escritora agrega um benefício adicional ao associar a alegria com a saúde integral: “Devemos incentivar alegre, esperançosa e tranquila disposição de espírito; pois nossa saúde depende de fazermos isso.” Que desafio!

Bondade

Em uma das matérias que lecionamos na Faculdade de Teologia temos um requisito no qual os alunos são desafiados a preparar e desenvolver um projeto comunitário. Quando lhes perguntamos quais foram os resultados do trabalho, invariavelmente a grande maioria responde que eles foram os principais beneficiados. Os alunos enfatizam como se sentiram bem ao experimentar esse fruto do Espírito, ao realizar uma atividade solidária.

Foi Hans Selye¹⁰ que estabeleceu o conceito de “egoísmo altruísta”. Essa ideia consiste na seguinte dinâmica: procuramos fazer o bem aos outros a fim de que os outros nos devolvam o bem. Desse modo, geramos em torno de nós um ambiente positivo e saudável. Na prática, contudo, as coisas não ocorrem de maneira tão exata. De fato, o bem deve ser feito, em princípio, sem esperar nada em troca. A benevolência demonstrada deve ser um resultado da bondade recebida do Senhor, que se reflete no ensino da parábola dos dois devedores: “Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?” (Mt 18:33, NVI).

Confiança no amor e no cuidado de Deus

Ter a confiança e a certeza de que nossa vida descansa nas mãos de um Deus que nos ama contribui significativamente para o desenvolvimento da paz interior tão necessária. Essa paz é muito valiosa, porque não depende das circunstâncias que nos rodeiam, que podem ser inquietantes, mas de uma experiência interior que torna eficaz a expressão paulina: “Todas as coisas cooperaram para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28). A partir dessa perspectiva, tem sentido o provérbio: “Alimente sua fé em Deus, e seus medos vão morrer de fome.”

Talvez tenha havido alguns momentos ao longo de nosso ministério nos quais sentimos que a situação pela qual

Dicas para desenvolver as quatro atitudes no dia a dia	
Gratidão	Como parte de sua devoção pessoal, leia o livro dos Salmos e faça uma lista de motivos pelos quais você deve ser grato a Deus. Durante um mês, todos os dias, mostre gratidão a alguém por algo que essa pessoa tenha feito de especial a você.
Alegria	Consiga uma boa versão do clássico “O Messias”, de Handel, e, durante uma semana, ouça-a no início do dia com fones de ouvido. Imagine o momento da segunda vinda de Jesus, no qual você reencontrará seus entes queridos e as pessoas que levou a Cristo.
Bondade	Escolha uma família carente da igreja e ajude-a, seja pagando a mensalidade da Escola Adventista para um de seus filhos ou dando-lhe uma cesta básica pelo tempo que você decidir. Dedique algumas horas por semana para acompanhar alguém doente ou algum idoso que vive sozinho.
Confiança em Deus	Pense em três coisas que deram certo no último mês. Pergunte a si mesmo como Deus interveio nessas situações, e quais emoções e sentimentos isso despertou em você. Faça um inventário das bênçãos que Deus derramou sobre sua família e seu ministério nos últimos cinco anos. Planeje uma reunião para celebrar essas dádivas, de modo que todos se alegrem pelas grandes coisas que o Senhor realizou por vocês.

passávamos era totalmente injusta: uma transferência inesperada, acontecimentos nos quais percebemos duvidosas intenções, enfim, circunstâncias que nos afetaram negativamente. Entretanto, como é gratificante, depois de algum tempo, olhar para trás e ver como o Senhor nos guiou através desses aparentes vales obscuros, permitindo-nos passar por extraordinárias experiências espirituais! Em alguns casos, podemos até considerar esses momentos entre os mais felizes de nossa vida.

Conclusão

Na sociedade confusa em que vivemos, podemos pensar que a solução para nossos problemas deve ter estas duas características: sofisticação e complexidade. Essa talvez seja uma das razões pelas quais julgamos ser tão difícil aplicar os princípios divinos para desfrutar de excelente saúde física e mental. Entretanto, sabemos por experiência própria que o conselho de Deus aplicado à nossa vida sempre produz o efeito prometido. Que o Senhor nos ajude a ser fiéis ouvintes

e praticantes de suas orientações, a fim de que possamos desfrutar de uma vida mais plena e feliz! 

Referências

- ¹ Herbert Douglass, *Mensagem do Senhor* (Tatuí, SP: CPB, 2001), p. 295.
- ² Organização Mundial de Saúde, *Informe sobre la Salud em el Mundo - 2001*, <<http://www.who.int>>.
- ³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: CPB, 1997), p. 89.
- ⁴ *Ibid*, p. 214.
- ⁵ M. Seligman e M. Csikszentmihalyi, “Positive Psychology: An Introduction”, *American Psychologist*, 55 (1), 5-14.
- ⁶ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 194.
- ⁷ R. A. Emmons e M. E. McCullough, “Counting Blessings versus Burdens: An Experimental Investigation of Gratitude and Subjective Well-being in Daily Life”, *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, p. 377-389.
- ⁸ S. Lyubomirsky, *La Ciencia de la Felicidad: Un Método Probado para Conseguir el Bienestar* (Barcelona: Ediciones Urano, 2008).
- ⁹ Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: CPB, 1989), v. 2, p. 593.
- ¹⁰ Médico nacionalizado canadense que, a partir de suas investigações, descobriu o estresse e seus efeitos na saúde humana.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

REVISTA ADVENTISTA

ASSINE • LEIA • INFORME-SE

Indispensável para todo adventista.



Notícias • Conteúdo Teológico • Matérias Exclusivas • Opiniões • História • Entrevistas
Informações da Igreja • Evangelismo • Comportamento • Saúde • Dicas de Leitura

  /casapublicadora

Ligue
0800-9790606
Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Acesse
www.cpb.com.br
Ou dirija-se a uma CPB livraria



Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.



Gratidão do autor

Os cristãos e a homossexualidade

Princípios do Antigo Testamento para orientar a conduta da igreja quanto aos homossexuais (Parte 2)

Esta segunda parte do nosso estudo busca identificar, no Antigo Testamento, princípios relevantes para o relacionamento entre a comunidade de fé e pessoas engajadas em atividade homoerótica consensual, conforme praticada pelos membros dos chamados movimentos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).

Proibições da prática homossexual

O livro de Levítico apresenta as seguintes leis a respeito da atividade homoerótica:

“Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação” (Lv 18:22).

“Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles” (Lv 20:13).

Levítico 18:22 é uma proibição categórica e irrefutável, direcionada ao homem israelita com respeito a uma ação que ele (sujeito) não deveria fazer com outro homem (como objeto direto). Em seguida a essa proibição está uma expressão da avaliação que o Senhor faz desse ato: “é abominação”.¹ Levítico 20:13 expressa a mesma ideia em uma formulação casuística, especificando que dois homens que (voluntariamente) se envolvem nisso, isto

é, tornando-se parceiros conjugais, cometem abominação, e adiciona a penalidade capital sob a jurisprudência teocrática israelita.²

Assim como a legislação a respeito de outros delitos sexuais graves, Levítico 18 e 20 não oferecem exceções, limitando fatores culturais, ou circunstâncias atenuantes, como relacionamento amoroso e exclusivo. Simplesmente somos proibidos de nos envolver em um ato homossexual, independentemente das intenções evocadas. Obviamente, a penalidade mortal aplicada sob a teocracia israelita, que já não existe, não pode ser imposta em um Estado secular. Entretanto, essa penalidade indicava a atitude de Deus para com o ato, que não estava inteiramente excluído da comunidade do Seu povo. Além disso, aqueles que transgridem deliberadamente qualquer das leis em Levítico 18 são adicionalmente condenados ao castigo divinamente imposto, isto é, ser “eliminados” (v. 29), algo que o próprio Deus pode executar em qualquer tempo e qualquer lugar.³

Em Levítico 18:22 e 20:13, o elemento definidor do ato homoerótico é descrito desta maneira, literalmente: “deitar [verbo da raiz *skb*]”⁴ um macho com outro como se fosse uma mulher”. O verbo para deitar [da raiz *skb*] descreve a atividade sexual como um processo conjunto, como as modernas expressões “ir para a cama com”, “fazer

amor” e “fazer sexo”. Assim, Levítico rejeita o processo ou parte dele. O fato de que a prática sexual coberta pelo verbo hebraico normalmente incluiria penetração e ejaculação masculina não limita seu significado a esses elementos. Consequentemente, ela não se justifica.⁵ Para especificar a ideia de penetração em si mesma, a linguagem hebraica usa expressões diferentes: o verbo *ntn* + o substantivo *sekobet* + a preposição *b*, que significa literalmente “colocar o pênis (de alguém) em” (Lv 18:20, 23; 20:15; Nm 5:20).⁶

Em Números 31:17, 18, 35 e Juízes 21:11, 12, o se “deitar com homem” é o que uma mulher experimenta quando ela tem relações sexuais com um homem.⁷ À luz disso, o se “deitar com uma mulher”, em Levítico 18:22; 20:13, descreve o que um homem experimenta quando faz sexo com uma mulher. O ponto principal é que o homem não deve ter com outro homem o mesmo tipo de experiência que teria com uma mulher.

A expressão em Levítico 18 e 20 é ainda mais clara em Gênesis 49:4, onde Jacó abordou Rúben, seu filho primogênito, a respeito do incesto com Bila: “por que subiste ao leito [plural de *miskab*] de teu pai”. O verdadeiro problema não foi o local do ato, a cama, o lugar de “deitar” pertencente a Jacó, mas o fato de que Rúben usurpou uma prerrogativa com referência a Bila, deitando-se com ela, um privilégio

exclusivo de Jacó. Essa prerrogativa é expressa pelo (provavelmente abstrato) plural de *miskab*, cujo significado corresponde ao da mesma palavra em Levítico 18:22; 20:13, onde “deitar com uma mulher” é uma experiência legítima para um homem, com a mulher certa; porém, jamais com outro homem.⁸

Proibição universal?

O significado das leis bíblicas sobre atividade homoerótica é claro. Mas a qual grupo, ou a quais grupos, elas são aplicáveis? A legislação em Levítico 18 e 20 primariamente é direcionada aos israelitas, mas também se aplica aos estrangeiros que viviam entre eles (Lv 18:2, 26; 20:2). De acordo com a estrutura da narrativa de Levítico, o Senhor deu aquelas leis antes de eles entrarem na Terra Prometida, e não fez restrições quanto à sua aplicabilidade àquela terra.⁹ Em Levítico 18:3, os israelitas não deviam se comportar como os egípcios nem os habitantes de Canaã, indicando que Deus reprovava o modo pelo qual aqueles povos transgrediam Seus princípios de moralidade. A desaprovação divina às práticas gentílicas se torna explícita nos versos 24, 25, 27 e 28, onde o Senhor ameaçou vomitar os habitantes da terra (cf. Lv 20:22, 23), porque eles se desviaram, praticando abominações proibidas no início do capítulo, entre as quais estava incluída a atividade homossexual (Lv 18:22). Assim, Deus responsabilizava judeus e gentios, à medida que eles compreendessem os princípios básicos da moral sexual conforme a lei natural (Rm 1:18-32; 1Co 5:1).¹⁰

Cerimonial ou moral, temporal ou permanente?

O fato de que Levítico 18 se refira às atividades sexuais ilícitas, pervertidas (raiz *tm'*), àqueles que se envolvem com elas, e também sua terra (v. 20, 23-25, 27, 28, 30) não significa que as proibições sejam leis cerimoniais que regulam rituais de impureza.¹¹ Um ritual/cerimonial de impureza é reconhecido pelos seguintes fatos:

1. A impureza é gerada por uma substância ou condição física, o que explica a razão pela qual, em muitos casos, pode ser transferida pelo contato físico.

2. Incurrir em impureza não se constitui pecado, isto é, a transgressão de um mandamento divino (ex. Lv 12:6-8; compare com o capítulo 4), a menos que haja proibição específica (Lv 11:43, 44; Nm 6:6, 7).

3. Seu propósito é evitar a profanação da esfera sagrada centralizada no santuário (Lv 7:20, 21; 15:31; Nm 5:1-4).

4. Há solução ritual prevista, como abluições e sacrifício (Lv 14; 15).

As transgressões em Levítico 18 pertencem a outra categoria: impureza moral que resulta de séria ação pecaminosa. Elas não contaminam outra pessoa pelo contato físico. Em vez disso, contaminam tanto o pecador quanto a terra, e não podem ser removidas por meios rituais.¹² Essas profanações morais são geradas por ofensas sexuais (Lv 18), idolatria (18:21; cf. v. 24) e assassinato (Nm 35:31-34), que ferem princípios divinos (Êx 20:3-6, 13, 14), sendo proibições tanto para os israelitas quanto para os estrangeiros que habitavam entre eles (Lv 18:2, 26; Nm 35:15).

O contexto das leis contra a prática homossexual em Levítico 18 e 20 reforça a ideia de que sua aplicação seja permanente. As leis em Levítico 18 dizem respeito a incesto (v. 16, 17), bigamia incestuosa (v. 18), relações sexuais durante a menstruação (v. 19), adultério (v. 20), entrega dos filhos ao deus Moloque (v. 23), atividade homossexual (v. 22) e bestialidade heterossexual (v. 23). Levítico 20 trata de culto a Moloque (v. 1-5), ocultismo (v. 6, 25), amaldiçoar pai e mãe (v. 9), adultério (v. 10), incesto (v. 11, 12, 14, 17, 19-21), atividade homossexual (v. 13), bestialidade heterossexual (v. 15, 16), relação sexual durante a menstruação (v. 18) e carnes limpas e imundas (v. 25).

Princípios do decálogo

Os princípios de alguns dos Dez Mandamentos aparecem em Levítico 18 e 20. O culto a Moloque e a prática ocultista

transgridem o primeiro (e provavelmente o segundo) mandamento (Êx 20:3-6). Amaldiçoar pai e mãe discorda do quinto mandamento (v. 12), e o adultério é transgressão do sétimo mandamento (v. 14). Assim, pelo menos algumas leis nesses capítulos expressam ou aplicam princípios permanentes.¹³

Entretanto, apenas isso não prova que todas as outras leis nesses capítulos sejam permanentes. Compare Levítico 19, que reitera alguns dos Dez Mandamentos (v. 3, 4, 11, 12, 30), mas também contém algumas leis rituais que não podem permanecer aplicáveis, devido à sua dependência do santuário terrestre (v. 5-8, 20-22), que foi destruído em 70 d. C. Apesar disso, Levítico 18 e 20 não contêm nenhuma lei cerimonial requerida no santuário.¹⁴

As leis concernentes à sexualidade em Levítico 18 estabelecem limites que salvaguardam a pureza moral da pessoa (v. 4, 5, 24-30), de maneira que vão além da proibição de adultério (Êx 20:14). Elas também estão fundamentadas no princípio de sexualidade expresso em Gênesis 2:24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.” Levítico 20 adiciona especialmente a motivação do benefício da santidade obtida do Senhor, correspondente ao Seu caráter (v. 7, 8, 26). Todas as leis nesse capítulo dizem respeito à santidade pessoal em relação a Deus. Portanto, seus princípios são morais e permanentes, embora Levítico 20 acrescente algumas penalidades civis por enforcamento sob a teocracia (v. 2, 9-16, 27).¹⁵

As leis bíblicas contra incesto, bigamia e bestialidade, em Levítico, são claramente morais em sua natureza. Entretanto, os cristãos geralmente não compreendem que as leis contra relações sexuais deliberadas durante a menstruação (Lv 18:19; 20:18) também são morais.¹⁶ Isso explica por que essa orientação aparece em Ezequiel 18:6 entre uma lista de virtudes morais.¹⁷ O fato de que as proibições contra o sexo durante a menstruação constitua

um requerimento moral remove a força do argumento de que os cristãos não as observam porque sejam cerimoniais, e, portanto, as leis contra atividade homossexual nos versos posteriores já não seriam válidas. O fato é que os cristãos devem evitar o sexo durante a menstruação. A transgressão desse requerimento por meio de omissão ignorante e inconsistente não justifica a transgressão da proibição da atividade homossexual.¹⁸

Reflexos no Novo Testamento

Temos visto que as leis contra a atividade homossexual em Levítico 18:22; 20:13 aparecem em contextos que consistem exclusivamente de leis morais que dirigem o povo de Deus em um viver puro e santo, indicando que essas normas são permanentes. O Novo Testamento afirma essa contínua aplicabilidade da santidade das leis de Levítico. O concílio de Jerusalém, relatado em Atos 15, estabeleceu requerimentos de estilo de vida para os cristãos gentios. A orientação foi “que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufcados e das relações sexuais ilícitas” (At 15:29, cf. v. 20). A lista nesse verso resume os grupos de proibições apresentados em Levítico 17 e 18,¹⁹ que eram aplicáveis aos gentios que viviam entre os israelitas (Lv 17:8, 10, 12, 13, 15; 18:26).

Em Atos 15:20, 29, a palavra grega *porneia*, para “relações sexuais ilícitas” em geral, abrange o conjunto de práticas sexuais proibidas em Levítico 18.²⁰ Portanto, a proibição da atividade homossexual continua através da era cristã até o tempo presente. *Continua na próxima edição.* **M**

Referências:

¹ A palavra hebraica *to'ebah*, traduzida como “abominação” nessas passagens, pode se referir a uma grande variedade de males que são abomináveis ao Senhor. Sobre esse termo hebraico e sua variação semântica, ver H. D. Preuss, em *Theological Dictionary of the Old Testament*, ed. G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006),

v. 15, p. 591-604. Preuss resume: “Dentro do Antigo Testamento, *to'ebah* se refere a alguma coisa no domínio humano que é eticamente incompatível, seja como ideia ou ação. Acima de tudo isso, é irreconciliável com Yahweh, contrário ao Seu caráter, um tabu ético e cúltico. Dizer que alguma coisa é *to'ebah* é caracterizá-la como caótica e oposta, portanto, perigosa, dentro da ordem social e cósmica [...] Pelo fato de o substantivo (bem como o verbo) ter essa variedade de uso no Antigo Testamento, é difícil chegar a uma única raiz significativa de tudo o que é caracterizado como *to'ebah*. Material sapiencial e legal é colocado junto ao material cúltico na grande maioria dos exemplos” (p. 602). Em Levítico 18, onde a mesma palavra no plural (*to'ebah*) caracteriza todas as ofensas proibidas anteriormente no capítulo (v. 26, 27, 29, 30), o único caso classificado como abominação (*to'ebah*) é a atividade homossexual (v. 22). Somente esse tipo de atividade é chamada de abominação em Levítico 20 (v. 13).

² Aqueles que a executam são inculpáveis porque os parceiros sexuais levam sua própria culpa de sangue, ou seja, a responsabilidade por sua própria morte.

³ Cf. Donald Wold, “The Meaning of the Biblical Penalty *Kareth*” (Tese de doutorado, University of California, 1978), p. 251-255; Jacob Milgrom, *Leviticus 1-16: A New Translation with Introduction and Commentary*, Anchor Bible, v. 3 (Nova York: Doubleday, 1991), p. 457-460; Baruch Schwartz, “The Bearing of Sin in the Priestly Literature”, em *Pomegranates and Golden Bells: Studies in Biblical, Jewish, and Near Eastern Ritual, Law, and Literature in Honor of Jacob Milgrom*, ed. David P. Wright, David N. Freedman, e Avi Hurvitz (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1995), p. 13.

⁴ Aqui, o termo hebraico *'et* é aparentemente o objeto direto marcador, mas alternativamente, poderia ser compreendido como a preposição “com”, em cujo caso a tradução seria “deitar com uma mulher”.

⁵ Cf. Richard M. Davidson, *Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament* (Peabody, MA: Hendrickson, 2007), p. 149, 150.

⁶ Ver Harry Orlinsky, “The Hebrew root SKB”, *Journal of Biblical Literature* 63 (1944): 40.

⁷ “Deitar” traduz literalmente o singular de *miskab*, como sendo literalmente, “cama” ou lugar de deitar.

⁸ Contra a interpretação de Jacob Milgrom, que interpreta o plural de *miskab* como uma linguagem apenas para uniões heterossexuais ilícitas, limitando assim as proibições de Levítico 18:22; 20:13 a atividades homossexuais incestuosas – *Leviticus 17-22: A New Translation with Introduction and Commentary*, Anchor Bible, v. 3A (Nova York: Doubleday, 2000), 1569, 1786; citando David Stewart – ver Roy Gane, *Leviticus, Numbers, NIV Application Commentary* (Grand Rapids MI: Zondervan, 2004), p. 326-328. Em Levítico 18, o verso 22 está separado das leis sobre incesto (v. 6-18). Se o verso 22 estivesse implicitamente limitado a incesto, alguém poderia argumentar o mesmo com respeito às leis concernentes ao sexo durante a menstruação (v. 19), adultério (v. 20) e culto a Moloque (v. 21). Isso não teria sentido,

porque o sexo incestuoso durante a menstruação e o adultério incestuoso estão regulamentados pelas leis sobre incesto, e todo adultério e o culto a Moloque são categoricamente proibidos nos Dez Mandamentos (Êx 20:3-6, 14). Recentemente, Bruce Wells argumentou que “com homem não te deitarás, como se fosse mulher” em Levíticos 18:22 e 20:13 significa literalmente “na cama com a esposa” e se refere à atividade sexual por um homem casado que transgredir os direitos de sua esposa (“*The Grammar and Meaning of the Leviticus Texts on Same-Sex Relations Reconsidered*”, monografia apresentada em 24/11/2014, no encontro anual da Society of Biblical Literature, San Diego, CA). Entretanto, se *'ishah*, “mulher”, estivesse restrito à esposa do homem mencionado em 18:22 e referido em 20:13, poderíamos esperar alguma indicação de que ela pertence a ele, como em 18:20. A palavra *'ishah* por si mesma pode significar qualquer mulher, como em 18:19. Portanto, a proibição se refere a todos os homens, não apenas ao homem casado.

⁹ Compare 14:34; 19:23; 23:20; 25:2, a respeito das leis que começam a funcionar quando os israelitas são instalados em Canaã.

¹⁰ Cf. James R. White e Jeffrey D. Niell, *The Same Sex Controversy: Defending and Clarifying the Bible's Message About Homosexuality* (Mineápolis, MN: Bethany House, 2002), p. 66.

¹¹ Roy E. Gane, “Same-sex love in the ‘Body of Christ?’” em *Christianity and Homosexuality* ed. David Ferguson, Fritz Guy, e David Larson (Roseville, CA: Adventist Forum, 2008), parte 4, 66, 67, em resposta a John R. Jones, “In Christ There is Neither... Toward the Unity of the Body of Christ”, *Christianity and Homosexuality*, parte 4, 5.

¹² Jacob Milgrom, *Leviticus 17-22*; Jonathan Klawans, *Impurity and Sin in Ancient Judaism* (Oxford: Oxford University Press, 2000), p. 21-31; Jay Sklar, *Sin Impurity, Sacrifice, Atonement: The Priestly Conceptions* (Sheffield Phoenix Press, 2005), p. 139-153. É verdade que uma emissão de sêmen gerava um ritual de impureza física menor (Lv 15:16-18), mas isso era separado da questão moral quanto à proibição de incorrer em impureza numa determinada situação.

¹³ Deus originalmente deu os Dez Mandamentos aos israelitas (Êx 19; 20; cf. Dt 5). Entretanto, de acordo com o Novo Testamento, eles têm aplicação contínua para os cristãos, quer sejam judeus ou gentios ou vivam dentro ou fora da terra de Israel (Rm 7:7, 12; 13:9; Tg 2:11; cf. Mt 19:18, 19).

¹⁴ Mesmo as distinções básicas entre carnes “limpas” (próprias para comer) e “imundas” (impróprias para comer), das quais Levítico 20 provê um lembrete (v. 25, cf. Lv 11:23, 29, 30, 40-45), não são cerimoniais, porque um animal impuro não pode ser feito puro por recursos rituais, e não há solução ritual para uma pessoa que transgredir uma ordem categórica contra comer animal impuro (compare v. 24-28, 31-40, que provê purificação ritual do contato com vários tipos de esqueletos, pelo toque, por carregar ou comer um animal limpo que tiver morrido naturalmente). O propósito dessas distinções é manter a pureza

da pessoa, independentemente do santuário, em harmonia com sua santidade pessoal em relação a Deus (Lv 11:43-45; cf. Dn 1:8 – longe do templo destruído; Roy E. Gane, *Leviticus, Numbers*, p. 206-209, 215).

¹⁵ Sobre lei moral fora dos Dez Mandamentos e princípios morais e éticos nas leis civis, ver Roy Gane, *Leviticus, Numbers*, p. 307, 308. Note que, quando foi pedido que Jesus identificasse o grande mandamento na Torah, Ele não Se referiu a um dos Dez Mandamentos, mas citou Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18, leis morais permanentes dadas por meio de Moisés, que resumem as responsabilidades abrangentes de amar a Deus e ao próximo (Mt 22:36-40).

¹⁶ Da mesma forma que geralmente não compreendem que também se trata de um requerimento moral (alicerçado no respeito pela vida, o princípio atrás de Êxodo 20:13: "Não matarás"), mesmo para gentios cristãos, o abster-se de comer a carne de um animal do qual o sangue não tenha sido drenado no momento do abate (At 15:20, 29; cf. Gn 9:4; Lv 17:10-12).

¹⁷ É verdade que em Levítico 15:24 há uma solução ritual para o homem que faz sexo com uma mulher durante o período da menstruação dela, mas isso se refere a um caso acidental, inadvertido, ou à preocupação com a natureza do ritual de impureza física independentemente de qualquer penalidade (Jacob Milgrom, *Leviticus 1-16*, p. 940, 941).

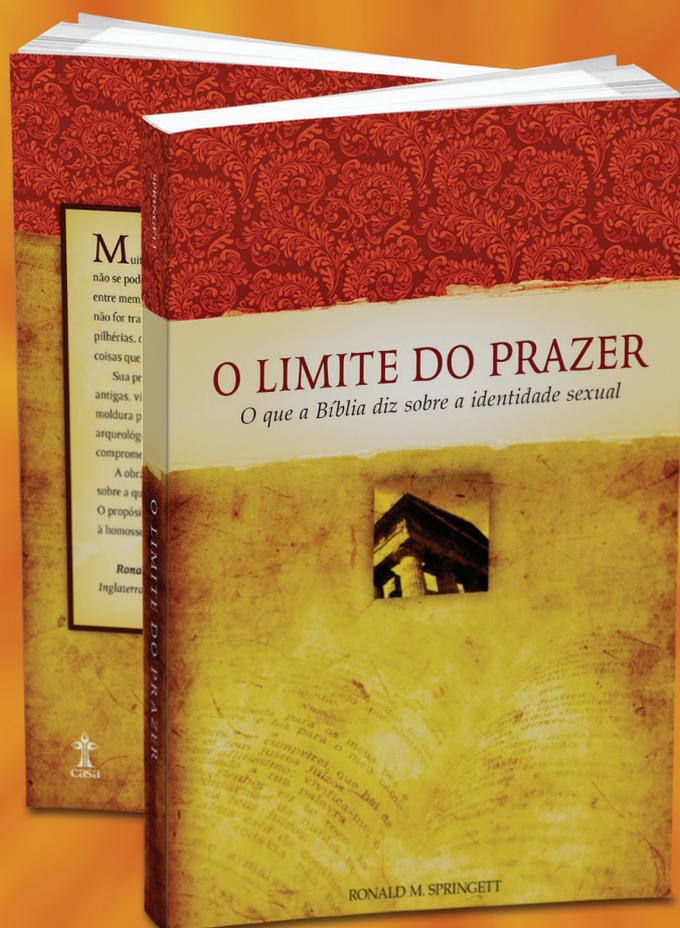
¹⁸ Roy E. Gane, *Leviticus, Numbers*, p. 324-326, respondendo a William J. Webb, *Slaves, Women & Homosexuals: Exploring the Hermeneutics of Cultural Analysis* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001), p. 168-170.

¹⁹ Levítico 17:3-9 – ofertas das quais o ofertante comia, carnes sacrificadas aos demônios; 17:10-14 – comer sangue; capítulo 18 – imoralidade sexual em geral.

²⁰ Por exemplo, no Novo Testamento, *porneia* inclui incesto (1Co 5:1). O Novo Testamento concorda com Levítico 18 e 20, condenando explicitamente o incesto (1Co 5:1) e a atividade homossexual masculina (Rm 1:17; 1Co 6:9; 1Tm 1:10).

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Para pessoas interessadas em respostas da Bíblia quanto à questão da homossexualidade



0800-9790606 | www.cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.

Marcelo Dias
 Professor de missiologia
 na Faculdade de
 Teologia do Unasp,
 Engenheiro Coelho, SP



Gentileza do autor

Wagner Kuhn
 Professor e diretor
 do programa de
 missiologia no
 Seminário Teológico da
 Universidade Andrews,
 Estados Unidos



Gentileza do autor

Missão adventista do despertar ao engajamento

As tendências missionárias da igreja para os próximos anos (Final)

Na primeira parte deste artigo (janeiro-fevereiro de 2016), consideramos a missão adventista desde seu início até o presente. Vamos agora considerar dez tendências que, em nossa compreensão, devem liderar os esforços missionários da igreja nos próximos anos:

1. Envolvimento pessoal. Conforme Gottfried Oosterwal notou há 40 anos, “o movimento missionário adventista se mantém, ou diminui, com o conceito de que missão significa alcançar aqueles que não conhecem a Cristo, não por procuração, mas pelo envolvimento pessoal com familiares, povos, tribos e línguas”.¹ Esse princípio se aplica em todo o mundo; ultimamente, talvez até mais, no Ocidente.

O escritório da Missão Adventista na Associação Geral tem criado iniciativas para desenvolver a consciência de líderes e

membros da igreja a respeito das diversas oportunidades de missão, como o recente lançamento da revista *Missão 360*.² Outros programas existem há algum tempo, como o projeto Missão Global, que começou em 1993. Nesse caso, os missionários pioneiros entendem a cultura, falam a língua local, vivem e trabalham dentro da dinâmica do povo a ser alcançado, a fim de estabelecer novos grupos de cristãos. Eles ampliam o ministério de cura de Jesus, ajudando as pessoas em suas necessidades físicas e espirituais.

Em uma esfera maior, cada membro da igreja deve ser envolvido em uma “vigília de oração” pela missão mundial. A vigília de oração dos irmãos morávios, que durou ininterruptamente 100 anos, lembra a todos da natureza da batalha em que se encontra a missão e do poder de uma comunidade que confia em Deus por meio da oração.

2. O alcance global da missão adventista. O âmbito da missão adventista é “cada nação, tribo, língua e povo”. Cerca de 25 anos atrás, a Igreja Adventista estabeleceu uma estratégia de missão global destinada a alcançar o mundo inteiro com o evangelho. Esse trabalho incluiu a abertura de centros de estudo voltados para promover relacionamentos e entendimento com as principais religiões mundiais. O escritório de Missão Global estabeleceu centros para compreensão do budismo, hinduísmo, judaísmo e islamismo. Estratégias para alcançar os pós-modernos e secularizados junto às massas urbanas também foram implementadas recentemente.

O projeto Missão Global instituiu a meta de estabelecer a igreja entre cada 1 milhão de habitantes do planeta. Essa tendência foi vista nas recentes decisões da



Associação Geral que visam a capacitação de leigos e projetos em áreas com pouca ou nenhuma presença adventista, como Paquistão, Mianmar e Brunei.² Bruce Bauer, diretor do departamento de Missão Mundial da Universidade Andrews, observa que “muito recurso é empregado onde a igreja vem trabalhando por cem anos ou mais e pouco é voltado para os mundos muçulmano, hindu, budista e chinês. Pouquíssimos missionários estão trabalhando onde não há nenhum cristão ou apenas alguns cristãos de alguma denominação. É hora de redirecionar nossos recursos para a janela 10/40, onde vivem 63% da população mundial, mas onde apenas 20% dos missionários adventistas trabalham e somente 20% dos voluntários adventistas estão localizados”.³

3. Estruturas flexíveis de missão. A Igreja Adventista continua enfrentando dois grandes desafios relacionados à missão: as oportunidades e “impossibilidades”

no território da janela 10/40 e o crescimento da população secularizada/pós-moderna, sobretudo nas zonas urbanas. O relato das missões adventistas inclui uma história de iniciativas lideradas pelo Espírito Santo, bem como atividades individuais e institucionais.

No passado, muitos obreiros interdivisão, bem como locais, foram chamados e enviados a partir do mundo em desenvolvimento para trabalhar em lugares subdesenvolvidos e, assim, várias abordagens missionárias diferentes foram implementadas. Esse sistema/estrutura mudou consideravelmente desde então. Antes de 1901, em algumas partes do mundo, a igreja estabeleceu linhas de comunicação e responsabilidade para que a expansão missionária avançasse de maneira estruturada.

Há mais de 110 anos (1901-1903), cerca de seis décadas após o início do movimento adventista (1844), uma grande reorganização ajudou a igreja a melhor atender

as necessidades de missão. Em alguns lugares foram estabelecidos hospitais e escolas; em outros, a obra de publicações prosperou. Missionários e líderes da igreja estudaram as melhores abordagens evangelísticas e trabalharam sob a orientação do Espírito Santo para alcançar pessoas para Cristo. A maioria dos esforços foi destinada à obra missionária. Adaptações estruturais que favorecem movimentos e expressões adventistas autóctones em áreas tradicionalmente desafiadoras têm sido implementadas, a fim de estimular a atividade missionária.

A União Norte-Africana Oriente Médio (Middle East and North Africa Union Mission – MENA), criada em 2011, mostra-nos um exemplo dessa flexibilidade nos últimos tempos. Outro exemplo é a Igreja Adventista na China. Como G. T. Ng, secretário-executivo da Associação Geral ressalta, esse não é um território desorganizado, mas fundamentado em “igrejas-mãe”. Sob

essas igrejas (34 em 2012) existe um conjunto de igrejas menores e grupos. Entre diferentes atividades, as “igrejas-mãe” se tornam bases de envio de missionários nessas áreas.⁴

4. Missão “de todo lugar para todo lugar”. A mudança na concentração de membros está começando a produzir um movimento reverso do Hemisfério Sul para o Norte, que redefine as noções anteriores de países que “enviam” e “recebem” missionários.⁵ O conceito “de todo lugar para todo lugar” promove a missão tradicional (Norte-Sul), a missão inversa (Sul-Norte), e a missão paralela (Sul-Sul), de acordo com os diferentes padrões de missão.

Conforme a igreja avança no século 21, novas formas de missão precisam ser desenvolvidas. Ela precisa repensar seus métodos missionários. Novos processos e plataformas missionárias serão desenvolvidos para mobilizar os leigos, especialmente em algumas das regiões mais desafiadoras do mundo – lugares em que o acesso aos tipos mais tradicionais de evangelização se tornaram impossíveis.

Um exemplo disso são os missionários de sustento próprio.⁶ Eles não apenas estão sendo recrutados, como também estão sendo desenvolvidos entre as centenas de voluntários adventistas que se mudaram para mercados de trabalho emergentes e buscam compartilhar sua fé nesses novos contextos.

Outro exemplo são os missionários não-residentes, ou pessoas e/ou grupos que concentram sua atenção, seus recursos e materiais para se aproximar de maneira criativa dos indivíduos, embora ainda vivam em “casa”. Esse é o caso daqueles que são especialmente treinados para trabalhar entre os estudantes nas universidades da América do Norte, América do Sul e Europa. Enquadram-se nessa modalidade também as pessoas que se concentram em ajudar os milhares de refugiados que vivem em áreas de fronteira, ministrando àqueles que enfrentam traumas psicológicos, choques relacionados à cultura religiosa e necessidades físicas. Imagine uma Associação patrocinando uma “Escola de um Dia” em um campo de refugiados sírios na Turquia. Isso também pode incluir serviços de relocação. Esse movimento tende somente a crescer em um novo mundo globalizado e plano.⁷

5. Parcerias missionárias ativas. O fato de que a maior parte do dízimo ainda vem do Norte global e a maior concentração de recursos humanos parece estar no Sul global leva a diferentes tipos de parcerias. Não mais se pode dizer em missão *para*, mas em missão *com*. “Nunca antes a atividade missionária foi mais premente ou a necessidade de uma parceria significativa entre Norte e Sul foi mais urgente.”⁸

Grandes mudanças e transformações estão ocorrendo no mundo e elas têm um impacto direto sobre a igreja e a composição de seus recursos (humanos e materiais) utilizados na evangelização. Por isso, a igreja deve se esforçar para cumprir sua missão, olhando para várias abordagens e tipos de oportunidade missionária.

Assim, várias questões precisam ser feitas: Como voluntários de curto prazo podem se tornar missionários de sustento próprio de longo prazo? Como eles podem ser mais bem posicionados

para cumprir um propósito específico? O que é “missão de curto prazo” e como ela pode ser usada para gerar compromisso de longo prazo para um trabalho missionário transcultural? Como uma multidão de pessoas de diversas ocupações pode ser treinada para missões? Para quais missões específicas elas poderão ser enviadas ou envolvidas? Como podem ser mais bem organizadas para uma missão estratégica? Como podemos integrar pioneiros, missionários de sustento próprio e funções institucionais para a divulgação mais eficaz do evangelho? Novas estruturas e plataformas para a missão podem ser fornecidas de modo que mais missionários sirvam em áreas menos evangelizadas (por exemplo, na janela 10/40)? A igreja pode criar mais oportunidades de serviço no *continuum* entre obreiros interdivisão, Serviço Voluntário Adventista (SVA) e/ou missionários de sustento próprio? Quais métodos a igreja deve usar para recrutar pessoas específicas para tarefas especiais de missão? “Por que os membros de uma igreja, ou de várias pequenas igrejas, não devem se unir para sustentar um missionário em campos estrangeiros? Se eles negarem a si mesmos, eles podem fazer isso.”⁹

Um híbrido de pioneiro/missionário de sustento próprio/estudante Valdense/Serviço Voluntário Adventista pode ser uma forma atraente e viável de a igreja continuar sua expansão missionária. Os custos poderiam ser reduzidos significativamente, e mais pessoas de várias origens poderiam ser incorporadas no serviço missionário. Isso envolveria um missionário de sustento próprio ou um pioneiro que já trabalha em uma determinada região. Ele iria estabelecer a “plataforma” para o serviço missionário por meio de suas habilidades profissionais ou de seu emprego. A igreja o ajudaria com um salário parcial, enquanto ele recrutaria, apoiaria e cuidaria dos demais voluntários ou em vários outros tipos de missão.

6. Comunicação transcultural intencional. A comunicação é o cerne da



evangelização. Para ser eficaz e chegar a muitas pessoas, como parte de um plano maior, a igreja continuará utilizando novos meios de comunicação para evangelizar. As duas primeiras décadas deste século testemunharam o surgimento de novas formas de se comunicar. Ao redor do mundo, existem alguns ministérios adventistas de televisão e internet muito dinâmicos, mas eles terão que se tornar mais integrados com a estratégia global. Conseqüentemente, isso deve levar a uma discussão sobre a elaboração da mensagem para atingir diferentes públicos. Em outubro de 2013, os delegados do Concílio Anual deram mais um passo em um programa quinquenal que visa comunicar as crenças fundamentais da igreja usando a “mais clara – e frequentemente inclusiva – linguagem”.¹⁰ Neste mundo tão diversificado em que vivemos, uma linguagem mais clara e inclusiva significaria ser capaz de articular a fé adventista por meio de gerações, etnias, línguas e fronteiras geopolíticas.

7. Missão integral. A mensagem de saúde tem sido parte do entendimento da missão adventista desde o início. Entretanto, muitas vezes ela tem sido negligenciada na prática. Missiólogos destacaram a necessidade de uma abordagem coerente com a visão integral de ser humano defendida pelos adventistas. Recentemente, a igreja anunciou a primeira fase de uma ampla estratégia para a divulgação da mensagem de saúde. Mark Finley levantou esta questão: “O que aconteceria se 70 mil igrejas adventistas do sétimo dia abrissem as portas para ensinar [...] bem-estar?” Ele acredita que “isso ampliaria a base de uma abordagem evangelística que vai além da pregação – alcançando os aspectos espirituais, mentais e físicos”.¹¹

8. Reflexão acadêmica sobre a missão. Programas de pós-graduação em missiologia estão sendo implementados em continentes onde faculdades e universidades adventistas tradicionalmente

pouco tinham a oferecer. Programas de doutorado promovidos pelo departamento de Missão Mundial na Universidade de Andrews são parcialmente responsáveis por essas novas oportunidades. O novo programa de doutorado em missiologia (DMiss) visa promover a discussão e tornar a formação mais acessível para os que não vão necessariamente seguir a carreira acadêmica. O *Journal of Adventist Mission Studies* também tem sido um veículo para a divulgação do pensamento missiológico adventista. No Brasil, o Unasp, campus Engenheiro Coelho, tem oferecido uma pós-graduação lato sensu em Missiologia, com o objetivo de preparar pastores para os crescentes desafios da evangelização.

9. Missão relevante nas grandes cidades. A maioria das pessoas vive em áreas urbanas. Contudo, nossas igrejas não estão tradicionalmente localizadas nesses contextos. Uma das conseqüências da urbanização tem sido a desigualdade econômica, que é vista no desenvolvimento de luxuosos arranha-céus que se elevam sobre enormes favelas. Ambas as configurações representam desafios às estratégias tradicionais de missão. “Menos de 1 em 500 missionários estrangeiros trabalham em favelas.”¹² Ellen White descreveu centros de ministério integral, chamados por ela de centros de influência, que deveriam ser estabelecidos nas grandes cidades ao redor do mundo. Eles tinham o objetivo de dar oportunidades aos membros da igreja para servir em suas próprias comunidades. A missão urbana adventista não consegue se concentrar exclusivamente na tentativa de atrair pessoas, como um ímã espiritual, das ruas para os templos. A principal tarefa da igreja deve ser a de inspirar, treinar e mover seus membros às comunidades.¹³ Locais de trabalho, escritórios, fábricas e lojas devem ser vistos como “lugares sagrados”, nos quais o Espírito Santo está vivo e atua. Não podemos nos dar ao luxo de lamentar a pós-modernidade. Em vez disso, devemos compreendê-la como uma

cultura legítima e aprender a comunicar Jesus dentro dela. A missão deve focalizar o experiencial, bem como a experiência cognitiva tradicional.

10. Perseguição. Mais cristãos foram martirizados no século 20 do que em todos os outros séculos anteriores juntos, e as estatísticas recentes mostram um aumento da perseguição religiosa. Casos de cristãos mortos por sua fé duplicaram em 2013 (2.123 casos) em relação ao ano anterior.¹⁴ Isso confirma a tendência de ter duplicado nos últimos seis anos o número de países com ações terroristas motivadas por questões religiosas. De fato, o número de nações com elevado nível de hostilidades religiosas tem aumentado.¹⁵ Em muitas partes do mundo, missionários estão enfrentando grande oposição. Por vezes, religiosos extremistas criam grupos terroristas, e isso deve ser levado em conta no cálculo da missão.

Conclusão

Ainda há muito a ser feito em termos de engajamento missionário na Igreja Adventista. A globalização tornou todos cidadãos do mundo. Contudo, uma questão permanece: você se tornou um cristão globalizado? Os líderes adventistas de uma centena de anos atrás se sacrificaram para enviar missionários a lugares distantes. Esses homens e mulheres poderiam facilmente ter justificado sua permanência em seus próprios países, uma vez que havia muitas necessidades locais. Entretanto, eles foram e, por causa disso, atualmente a Igreja Adventista está em todo o mundo.

Você é corajoso o suficiente para fazer o mesmo e enviar obreiros para a janela 10/40? Ou está disposto a ir?¹⁶

Outras sugestões são:

- Continuar promovendo uma estratégia coordenada de missão adventista – um plano missionário estratégico de longo prazo, teologicamente, bíblicamente e missiologicamente apropriado e estruturalmente prático.

• Criar diretrizes e políticas modernas para ajudar a coordenar e definir parâmetros para o envio e recebimento de missionários.

• Escolher cuidadosamente, treinar e enviar estrategicamente equipes visionárias de missão.

• Constituir alguns conselheiros nos lugares em que a igreja procura intencionalmente informações e opiniões, e conectá-los com formas específicas de aplicação de novas ideias.

• Estabelecer e acolher novas parcerias com “ministérios de apoio”, a fim de ampliar a visão, a missão e o trabalho.

• Convidar missionários voluntários para trabalhar em cooperação mais estreita com as missões da igreja, das Associações, Uniões, Divisões e Associação Geral. Desse modo, suas opiniões influenciarão os planos e decisões do dia a dia no que diz respeito ao serviço na missão.

• Criar novas categorias entre missionários interdivisão, por um lado, e voluntários do SVA, por outro. Por exemplo: (a) voluntários que vivem de renda ou dos benefícios da aposentadoria; (b) missionários com um contrato híbrido (custos compartilhados); (c) missionários enviados para um território/divisão diferente e apoiados por igrejas locais e/ou Associações; (d) missionários enviados por instituições afiliadas à igreja, como editoras, Sistema Adventista de Saúde, ou ADRA; e (e) leigos adventistas recém-aposentados que iriam como missionários voluntários.

• Designar ex-missionários como mentores para os novos.

• Ter um sistema de informações que identifique rápida e adequadamente ex-obreiros interdivisão, voluntários e pessoas que estejam dispostas ao trabalho missionário, tão logo existam vagas disponíveis.

• Treinar um grupo de missionários de longo prazo com habilidades avançadas para o serviço de missão transcultural entre povos menos evangelizados.

• Empregar recursos de forma adequada e eficaz, conforme os planos missionários da igreja, em diversas áreas difíceis ou não alcançadas do mundo, como a Janela 10/40. Ellen White afirma que “enviar missionários para um campo estrangeiro a fim de que façam obra missionária sem a ajuda de recursos e meios, é como exigir os tijolos sem fornecer a palha”¹⁷

Deus abençoou o movimento adventista, e muitas pessoas ao redor do mundo foram alcançadas com sua mensagem de esperança. Esse é principalmente o resultado de membros que demonstram um estilo de vida coerente para aqueles que estão acompanhando seu testemunho de fé, que inclui sua compreensão profética, paixão pela justiça de Deus e zelo missionário. Para que essa experiência seja perpetuada, a missão específica (Ap 14:6-12; Mt 28: 18-20) dada por Deus à Igreja Adventista do Sétimo Dia deve ser colocada como prioridade pela liderança mundial da igreja em todo planejamento, suporte e implementação de trabalho. No entanto, acima de tudo, a missão deve ser abraçada por todos aqueles que professam Jesus Cristo como Senhor e Salvador e se comprometem a ser seus discípulos. **M**

Referências:

¹ Gotfried Oosterwal, “Adventist Mission: After a Hundred Years”, *Ministry* (set. 1974): 26.

² Elizabeth Lechleitner, “Adventist Treasurer Makes Case for Inclusion of Young Adults”, *Adventist News Network*, <archives.adventistreview.org>, acessado em 20/7/2015. “Os dez países listados como os que recebem o maior número de missionários por milhão de habitantes, em média, 2.634 por milhão de pessoas. Por causa do grande número de cristãos, no entanto, juntos, eles receberam um missionário internacional para cada 32 não-cristãos, em 2010.” Center for the Study of Global Christianity, *Christianity in its Global Context, 1970–2020*, jun. 2013, 77.

³ Bruce Bauer, “O Desafio Restante”, *Foco na Pessoa*, 2013, nº 4, 47.

⁴ “A Igreja Beiguan, em Shenyang, por exemplo, foi iniciada em 1985 com apenas uma igreja e alguns crentes. Hoje é um conglomerado de oito igrejas-mãe e 130 igrejas-filhas, com mais de 7 mil membros. As igrejas-mãe administram três asilos, um jardim de infância, uma escola primária e duas escolas

de Ensino Médio com dormitórios. Nos últimos anos, Shenyang se tornou base de uma agência missionária local, enviando jovens missionários de sustento próprio a dez localidades, dois dos quais estão em países estrangeiros.” G. T. Ng, “Seventh-day Adventist Mission: The Shifting Landscape,” *Journal of Adventist Mission Studies*, 2012, nº 2, 40.

⁵ Ng, “Seventh-day Adventists Mission”, 39. “Dos dez países que mais enviaram missionários cristãos em 2010, três estavam no Sul global: Brasil, Coreia do Sul e Índia. A ‘segunda lista dos dez mais’ incluiu outros seis países do Sul global: África do Sul, Filipinas, México, China, Colômbia e Nigéria (tornando do Sul global responsável por nove colocações no ‘top 20.’)” Center for the Study of Global Christianity, *Christianity in Its Global Context, 1970–2020*, 76.

⁶ Missionários de sustento próprio são aqueles que utilizam sua própria profissão e suas habilidades para trabalhar em áreas do mundo que não estão abertas à evangelização tradicional, a fim de fazer discípulos e abrir congregações. Eles ajudam a igreja a estabelecer sua presença, mesmo que não trabalhem para a denominação. Não são dependentes do sustento da igreja porque acessam áreas e povos não alcançados por meio de atividades que correspondem à sua educação, experiência e habilidades.

⁷ Thomas L. Friedman popularizou a ideia de que o mundo é “plano” em seu livro *O Mundo é Plano: Uma Breve História do Século XXI* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2007). Em sua análise da globalização, ele usou a metáfora para descrever o mundo em nível de igualdade de condições em termos de comércio.

⁸ Ng, “Seventh-day Adventist Mission”, p. 45.

⁹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: CPB, 1993), p. 466, 467.

¹⁰ Elizabeth Lechleitner, “Annual Council Delegates Review Suggested Wording Changes to 28 Fundamental Beliefs,” *Adventist News Network*, última modificação em 22/10/2013, <archives.adventistreview.org>.

¹¹ Ansel Oliver, “First Phase of Comprehensive Health Ministry Will Promote Future Work”, *Adventist News Network*, publicado em 18/10/2013, <archives.adventistreview.org>.

¹² Center for the Study of Global Christianity, *Christianity in Its Global Context, 1970–2020*, p. 85.

¹³ Gary Krause, “Centros de Influência”, *Foco na Pessoa*, 2013, nº 2, 14, 50.

¹⁴ Tom Heneghan, “Christian Persecution Doubled in 2013, Reports Annual Survey by Open Doors”, *Huff Post Religion*, última modificação em 23/1/2014, <www.huffingtonpost.com>.

¹⁵ Angelina Theodorou, “Key Findings About Growing Religious Hostilities Around the World”, *Pew Research Center*, 17/1/2014, <www.pewresearch.org>.

¹⁶ Bauer, “O Desafio Restante”, p. 49.

¹⁷ Ellen G. White, *Medicina e Salvação* (Tatuí, SP: CPB, 1991), p. 330.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



O cristão e a sociedade pós-moderna

Para viver os princípios éticos da Bíblia o cristão precisa se posicionar obrigatoriamente contra a ética relativista

O século 20 começou com um otimismo generalizado na capacidade do homem para construir um mundo melhor. Esse sentimento caracterizava a sociedade moderna. Acreditava-se que a razão seria o instrumento que realizaria a maravilhosa façanha de construir um mundo em que os seres humanos pudessem alcançar a felicidade e viver em harmonia perpétua. Conforme transcorria o século, ficava cada vez mais evidente a incapacidade da razão de construir o ideal de modernidade e de uma sociedade de paz e harmonia.¹ Duas guerras mundiais foram golpes devastadores contra a modernidade. Por meio da razão, o homem havia alcançado o ápice da ciência e tecnologia, mas também se viu no limiar do inferno de um holocausto nuclear. A razão tinha dado à humanidade extraordinárias conquistas na ciência, mas essas conquistas, longe de levá-la ao ideal da sociedade perfeita, voltaram-se contra o próprio homem.

Hoje, um sentimento de decepção abala o coração da humanidade. Ele é uma

resposta quase exclusivamente emocional aos ideais frustrados da modernidade. Tal condição molda o que tem sido chamado de sociedade pós-moderna, o contexto em que vivemos, com suas grandezas e misérias. Vejamos algumas das características mais notáveis da pós-modernidade.

Supremacia do sentimentalismo midiático. Em nossa sociedade, o ideal racionalista fundamentado no princípio cartesiano “Penso, logo existo” tem sido substituído por outro que poderíamos

chamar de: “Sinto, logo existo”. A preponderância dos meios de comunicação é esmagadora, e as multidões são atraídas para um universo virtual de imagens que emocionam, aterrorizam, fazem rir e chorar. Parece que somente o que toca as fibras da emoção é digno de ser seguido. A reflexão e a análise das ideias têm sido relegadas ao ostracismo midiático.² Essas sucessões de experiências e emoções superficiais produzem uma sociedade superficial. Não importa tanto “ser” compassivo como “parecer” compassivo. Essa série de



apelações superficiais e emocionais destroem qualquer compromisso real e altruísta pelo bem-estar do próximo e da sociedade em geral. É o que Lipovetsky tem classificado como a moral sentimental midiática.³

Ética relativista e estética. Na sociedade pós-moderna, não há lugar para valores absolutos. Cada pessoa constrói seu próprio sistema de valores. Bom e mau dependem de cada ser humano. Esse relativismo inclusivo tem se estendido até as artes, configurando uma espécie de relativismo estético. Mario Vargas Llosa assim descreveu esse cenário: "A liberdade que as artes plásticas têm adquirido consiste em que tudo pode ser arte e nada o é. Que toda arte pode ser bela ou feia, mas não existe maneira de saber. Não temos o 'cânon' que anteriormente existia e que nos permitia diferenciar o excelente do regular e do execrável: hoje tudo pode ser excelente ou execrável, ao gosto do cliente."⁴

Um mundo sem passado. José Ortega y Gasset dizia que a principal diferença entre o ser humano e o animal é que o ser

humano tem a capacidade de lembrar, ou seja, tem memória poderosa, que registra suas ações, boas ou más, enquanto o animal, geralmente, enfrenta cada dia como se fosse o primeiro de sua existência, o que torna impossível aprender com seus erros e consolidar seus sucessos.⁵ Deixando de lado a pressuposição evolucionista que fundamenta essa declaração, não há dúvida de que a história e seus protagonistas exercem grande influência sobre a civilização moderna, o que somos, como vivemos e em que acreditamos. A própria civilização não teria sido possível sem os esforços de inúmeras gerações que contribuíram para a arquitetura e cultura atuais. Entretanto, essa convicção de sermos herdeiros de uma longa e penosa conquista cultural que se estende por séculos está ausente na mentalidade pós-moderna. O ser humano do século 21 tem à sua disposição os maiores avanços tecnológicos da história, desfruta da sociedade mais opulenta que o mundo já conheceu e não tem a menor ideia de quanto custou essa conquista em termos geracionais. Ele parece interessado somente no aqui e no agora.

A constatação do pouco interesse demonstrado pelos pós-modernos nas questões sociais, políticas e tecnológicas, nos leva a entender a atitude arrogante das crianças que querem usufruir de todos os direitos possíveis sem ter a responsabilidade de se comprometer com os deveres mais básicos de seu ambiente e com as gerações futuras.

Fragmentação e tribalismo. Um dos poemas mais famosos de Cesar Vallejo é "Masa" [Massa],⁶ em que ele descreve a grande força que a humanidade teria se ficasse unida em favor de um objetivo comum. Seus versos falam de um combatente morto no fim de uma batalha e alguns dos seus companheiros implorando que ele não morresse. Somente quando todos se uniram, e gritaram contra a morte, o corpo morto reviveu, levantou-se e começou a andar. Esse poema, que

exalta a solidariedade e a fraternidade, é um exemplo das grandes ideias modeladoras da modernidade: a utopia de uma sociedade perfeita, sem a luta das classes sociais, sem violência nem conflito.

O pós-modernismo banuiu o ideal da sociedade perfeita e apresentou em seu lugar a realidade de uma sociedade fragmentada, diversificada e questionadora. Isso é ainda mais evidente quando olhamos para o fenômeno das tribos urbanas: grupos de indivíduos que reivindicam um estilo de vida próprio, uma forma diferente de se vestir, preferências musicais que os unem e têm seus próprios ideais políticos e éticos. Punks, góticos, emos, hippies e satanistas são alguns desses grupos, que caracterizam a paisagem social das nossas agitadas cidades pós-modernas.

Conformidade com o superficial. Estamos tão acostumados com os confortos da vida moderna que não valorizamos a água potável que chega à nossa casa, o chuveiro para se tomar um banho quente, o fogão a gás que nos livra de precisar cortar lenha ou os carros que nos permitem viajar grandes distâncias em pouco tempo, algo impossível antes. Ainda poderíamos mencionar muitos aspectos de nossa vida que foram facilitados pelo rápido avanço da tecnologia.

Contudo, esses benefícios têm causado um efeito colateral pernicioso: um desdém generalizado quanto ao desenvolvimento da capacidade de lutar para conquistar valores morais e superar desafios intelectuais e artísticos. Testemunhamos o predomínio de uma geração que não está disposta a se esforçar e tem horror ao sacrifício; entretanto, na vida, há muitos propósitos desejáveis que exigem enorme sacrifício pessoal. Por exemplo, a construção de relações saudáveis no casamento demanda grande dose de perseverança e comprometimento, mas o ser humano pós-moderno prefere não investir esforço nessa direção, então é superficial na construção e manutenção de seus vínculos pessoais e



familiares. O cultivar do intelecto e o refinamento do prazer estético também exigem considerável esforço, porém a sociedade pós-moderna está contente com o superficial e o “light”.

Os cristãos frente à sociedade pós-moderna

Quando o cristão vive os princípios éticos da Bíblia, se coloca obrigatoriamente contra a ética pós-moderna fundamentada no relativismo moral. Não que o cristão busque essa confrontação, mas, em realidade, ela é o resultado natural dos paradigmas opostos sobre os quais se constituem a pós-modernidade e a cristandade.

Qual é o papel dos cristãos nessa sociedade? Em que podemos contribuir numa sociedade que está estabelecida sobre os fundamentos frágeis do relativismo moral? Alguns poderiam pensar que o melhor seria nos retirarmos definitivamente do mundo e manter uma atitude distante e indiferente diante do destino da sociedade. No entanto, confrontando esse pensamento, temos as palavras de Cristo: “Vós sois o sal da Terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançando fora, ser pisado pelos homens” (Mt 5:13).

Assim como o sal é necessário para evitar que os alimentos se estraguem, em uma sociedade que se deteriora dia a dia são necessários esforços para impedir seu apodrecimento. Logicamente, existem instituições que ajudam na proteção social,

como o Estado (com seu poder para formular e fazer cumprir as leis) e a família⁷. No entanto, voltando ao exemplo do sal, ele só é efetivo se mantiver sua propriedade de salgar. De igual modo, o cristão só pode ser o agente que evita a decomposição da sociedade na medida em que é um genuíno cristão e vive à altura das exigências de sua profissão de fé. Ou seja, o cristão, para ser efetivo, deve manter a semelhança com Cristo, da mesma forma que o sal deve conservar intacta sua capacidade de salgar.

Ellen G. White disse: “Os seguidores de Cristo devem se tornar semelhantes a Ele – pela graça de Deus devem formar caráter em harmonia com os princípios de Sua santa lei. Isso é santificação bíblica.”⁸ Nesse sentido, a maior contribuição que o cristianismo pode dar à sociedade é apresentar um caminho alternativo ao do pós-modernismo relativista. Cabe aos cristãos ser a luz de um mundo mergulhado na obscuridade moral e espiritual. Jesus disse que essa luz são as “boas obras”. Parece que essa é “uma expressão geral que abrange tudo o que o cristão diz e faz, porque ele é cristão. Ela significa qualquer manifestação externa e visível de sua fé cristã”.⁹

O cristão verdadeiro é um embaixador de uma sociedade superior, conduz-se nessa sociedade terrena vivendo os valores de sua cidadania celestial, ao fazê-lo, torna-se um farol de esperança para um mundo melhor. Por isso, Jesus afirmou: “Vós sois a luz do mundo”. Entretanto, a luz do cristão

não é uma luz própria, é a que procede de uma fonte superior. Assim como a lua reflete a luz do Sol, o verdadeiro cristão reflete a luz de Jesus, que também declarou: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8:12). Por isso, a missão do cristão não é apenas iluminar, é também levar outras pessoas a se colocarem em tal harmonia com Cristo que possam refletir sua luz imarcescível.

É dessa maneira que podemos promover uma revolução na sociedade: a revolução do amor, do perdão e da verdade. A verdadeira essência da mensagem cristã é mostrar que o estabelecimento do reino de Deus começa por uma mudança real no coração de cada um de nós. **TM**

Referências

- ¹ Gianni Vattimo, *El fin de la modernidad: Nihilismo y hermenéutica en la cultura posmoderna* (Barcelona: Editorial Gedisa, 1987), p. 10.
- ² Daniel Bell, *Las contradicciones culturales del capitalismo* (Azcapotzalco: Editorial Patria, 1989), p. 110.
- ³ Gilles Lipovetsky, *El crepúsculo del deber – La ética indolora de los nuevos tiempos democráticos* (Barcelona: Editorial Anagrama, 1994), p. 138.
- ⁴ Mario Vargas Llosa e Gilles Lipovetsky, “Alta cultura o cultura de masas?”, *Letras libres*, nº 130, jul. 2012, p. 10-16.
- ⁵ José Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas* (Santiago: Editorial Andrés Bello, 1996), p. 45.
- ⁶ César Vallejo, *España, aparta de mí este cáliz*, edição comentada (Madrid: Gráficas Mar-Car, 1937), p. 141.
- ⁷ John Stott, *Contracultura cristiana: El mensaje del Sermón del Monte* (Illinois: Ediciones Certeza, 1991), p. 66.
- ⁸ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 469.
- ⁹ John Stott, p. 67.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



<http://pastor.adventistas.org>



Gentileza do autor

A aplicação do **sermão**

Não despreze esse item essencial para a eficácia da pregação bíblica

Uma das atividades mais comuns no ministério é a preparação e entrega de sermões. Quando um pregador escolhe preparar uma mensagem sobre determinado texto bíblico, é necessário que ele primeiro conheça sua interpretação e, depois, saiba como aplicá-la.

A interpretação do texto

Interpretar um texto significa descobrir o que ele significava para aquele que o escreveu – o que ele tinha em mente, qual era sua intenção. A correta interpretação é feita respeitando-se determinadas regras da hermenêutica e fazendo uso de ferramentas apropriadas. Uma dessas regras nos lembra de respeitar o contexto, outra nos adverte a levar em conta o gênero literário que foi utilizado, ainda outra, recomenda considerar o conjunto das Escrituras Sagradas sobre determinado assunto e não apenas um texto isolado. Enfim, há diversas regras que podem ser encontradas em livros que tratam desse assunto. As ferramentas, por sua vez, consistem nas obras preparadas para ajudar na compreensão do texto bíblico: dicionários bíblicos e teológicos, enciclopédias bíblicas, comentários bíblicos, concordância bíblica, etc.

Depois que se descobre o significado original do texto por meio da interpretação, ele precisa ser aplicado. Aplicar significa extrair dele a lição espiritual para a vida presente. O pregador deve perguntar: “Como este texto me ajuda, bem como os

meus ouvintes, em meio às nossas lutas, necessidades e desafios?” É preciso notar que os relatos bíblicos que abordam o passado e o futuro visam ensinar princípios que devem ser adotados no presente.

O valor da interpretação jamais deve ser desprezado, pois, se ela não existir ou for incorreta, há o risco de se fazer uma aplicação que não condiz com a verdade, resultando assim, em pessoas e congregações distantes do que foi planejado por Deus.

É importante considerar também que, embora o verdadeiro sentido de um texto bíblico e o princípio nele contido não mudem com o passar do tempo, sua aplicação depende da época, da cultura, das circunstâncias e das necessidades dos ouvintes.¹ Como exemplo, citamos 1 Coríntios 8. Nesse texto, o apóstolo Paulo apresenta um princípio e sua aplicação. O princípio declara: quando fazemos uso de nossa liberdade e saber, de maneira que nosso irmão fraco tenha sua consciência perturbada e, assim, tropece e pereça, estamos pecando contra esse irmão e contra Cristo, que por ele morreu. A aplicação, para aqueles que receberam essa carta apostólica, referia-se à comida sacrificada aos ídolos.

Nas cidades pagãs, a carne podia ser encontrada nos mercados e nos templos. A carne vendida nos templos era mais barata, por isso, alguns cristãos, para economizar, consumiam esse alimento sem maior preocupação. Eles consideravam que, embora a carne tivesse sido oferecida em sacrifício, de fato, os ídolos eram inexistentes (v. 4);

portanto, o alimento não havia sido alterado. Além disso, quando eram convidados por algum amigo pagão para participar de uma refeição na qual era servido esse tipo de comida, eles aceitavam. Outros, porém, que haviam sido pagãos, viam nisso um comportamento pecaminoso e ficavam escandalizados (v. 7).² Paulo, então, recomendou àqueles que consumiam carne sacrificada a ídolos, que abrissem mão de sua liberdade, por amor daqueles que não a consumiam (v. 13). De modo geral, não temos nenhuma dificuldade com esse assunto, pois o alimento que compramos não foi oferecido a algum ídolo antes de ser enviado ao mercado. Contudo, o princípio permanece, exigindo que consideremos o bem-estar espiritual de nossos irmãos acima de nossa liberdade individual.

A aplicação do texto

Enquanto a interpretação do texto atinge nosso intelecto, a aplicação deve contribuir para moldar nosso caráter e nossa conduta. A primeira está relacionada ao saber e a segunda, ao ser e fazer.³ A tarefa da pregação é basicamente a de aplicar o texto à vida dos ouvintes. Se o pregador não fizer uma aplicação do texto, então podemos chamar sua fala de aula, palestra, discurso, comentário bíblico falado, ou de outro nome qualquer, mas nunca de sermão. Ele mesmo, o que fala, de fato, não é um pregador, mas apenas um orador, palestrante ou algo equivalente. Sem aplicação, a mensagem deixa de ser relevante,

porque o ouvinte geralmente não percebe como aquela porção bíblica se relaciona com sua vida.

A aplicação tem sido comparada a uma ponte entre o mundo bíblico e o mundo atual. Para construí-la, o pregador deve conhecer bem as duas margens que ela irá ligar: o texto bíblico e seus ouvintes. Se ele conhecer e souber interpretar corretamente as Escrituras, mas não entender a natureza humana, as lutas, provas, tentações e condições em que o povo se encontra, então a aplicação será semelhante a uma ponte inacabada, que começou a ser construída a partir de uma das margens e que por qualquer razão foi abandonada no meio caminho, sem qualquer serventia. O mesmo ocorrerá se o pregador estiver familiarizado com seus ouvintes e conhecer a natureza humana, mas desconhecer o correto ensino bíblico. Como pregadores, precisamos conhecer bem as Escrituras, a humanidade e os dias em que vivemos. Para tanto, é relevante ter contato direto com o povo, inclusive por meio da visitação.

Em realidade, o principal responsável pela aplicação da Palavra ao coração humano é o Espírito Santo. Ele que produziu as Sagradas Escrituras, preservou-as através dos séculos, fez com que o pregador as entendesse e atua a fim de aplicá-las no coração dos ouvintes. Ele faz sua obra antes, durante e depois da pregação. O Espírito motiva o pregador a escolher certo texto ou tema específico e direciona as pessoas ao local de culto. Durante a pregação, Ele traz lembranças, revela necessidades, desperta a consciência, faz sugestões, move a vontade e vivifica o coração. Depois do sermão, no transcorrer da vida, o Espírito Santo dá forças para mudar e restaura o homem à imagem de Deus. Entretanto, frequentemente Ele se vale dos pregadores e os usa como seus agentes para fazer a aplicação. Foi o que ocorreu com os profetas, os apóstolos, com João Batista e com o próprio Jesus. Há ouvintes

que simplesmente não sabem como aplicar o ensino bíblico à sua vida se não houver a orientação de um pregador.⁴

Como elaborar uma aplicação eficaz do texto bíblico? O pregador pode seguir as seguintes sugestões:

- A aplicação deve brotar naturalmente do texto que estiver sendo estudado. Os ouvintes precisam perceber que ela está contida no princípio exposto na porção bíblica. Eles precisam ver na aplicação o selo de “Assim diz o Senhor”.⁵

- A aplicação pode ser vista desde o próprio título do sermão, que deve ser cativante para o ouvinte. Assim, se você for pregar sobre Gênesis 12, em lugar de intitular como “O chamado de Abraão”, escolha “Saindo da zona de conforto” ou algo parecido, com uma linguagem atual.

- A aplicação deve ser feita, sempre que possível, desde o início da exposição até seu clímax, na conclusão.

- A aplicação mostra como a verdade bíblica se relaciona à experiência dos ouvintes, a seus problemas pessoais.

- A aplicação faz o ouvinte ver o que deve ser feito, apresenta sugestões práticas de como fazer e o persuade a agir.⁶

- A aplicação não deve ser apenas negativa, indicando o que não fazer.

- A aplicação deve ser feita de maneira que o ouvinte perceba os aspectos em que precisa mudar e não apenas a parte que lhe é favorável, aquela que ele obedece. Ela deve atingir seus pontos fracos.⁷

- Alguns assuntos podem ser aplicados aos ouvintes em geral, outros só podem ser aplicados a classes específicas (líderes, mulheres, jovens, etc.).

- Algumas vezes é melhor utilizar a expressão “você” e não “nós”, pois assim o ouvinte é atingido mais direta e pessoalmente. Outras vezes é melhor o pregador se incluir, empregando a primeira pessoa do plural.

- Pode acontecer que em alguns pontos do sermão as lições que advêm da Bíblia

sejam tão óbvias que se torne desnecessário que o pregador faça a aplicação. Algumas vezes, aquilo que as pessoas percebem no texto, sem que o pregador lhes diga claramente, poderá produzir efeito maior.

- A aplicação geralmente é específica e definida, mas há ocasiões em que pode ser apresentada mediante sugestão, como é o caso de uma ilustração que, por si mesma, aplique uma determinada verdade.

- Se houver na igreja um problema muito delicado, talvez o melhor seja não ser tão específico na aplicação, confiando na aplicação feita pelo Espírito Santo.⁸

- Ao aplicar, é necessário deixar claro que nossa obediência à Palavra resultará em bênçãos e crescimento espiritual.⁹

Como vimos, a aplicação é um aspecto essencial do sermão. Sem ela, a exposição da Palavra nem sequer pode ser chamada de sermão. Ela se constitui uma ponte entre o mundo bíblico e o contemporâneo. A fim de que expresse a vontade de Deus para nossa vida, deve ser precedida de cuidadosa interpretação. Embora o Espírito Santo seja o grande aplicador da verdade, com muita frequência Ele se vale do pregador como Seu agente para moldar a vida e o caráter dos ouvintes. **M**

Referências

¹ Jerry Stanley Key, *O Preparo e a Pregação do Sermão* (Rio de Janeiro: JUERP, 2001), p. 294.

² Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo* (Santo André: Geografia Editora, 2006), 5:777. O assunto de comer ou não da comida sacrificada aos ídolos era motivo de grande discussão e desavença na igreja do primeiro século. Ele também é tratado em 1 Coríntios 10 e em Romanos 14.

³ Bruce Wilkinson, *As Sete Leis do Aprendizado* (Belo Horizonte: Betânia, 1998), p. 106.

⁴ Key, 289; James Braga, *Como Preparar Mensagens Bíblicas* (Deerfield, FL: Vida, 1986), p. 191.

⁵ Wilkinson, p. 116.

⁶ John A. Broadus, *Sobre a Preparação e a Entrega de Sermões* (São Paulo: Custom, 2003), p. 228.

⁷ Key, p. 293.

⁸ *Ibid.*, p. 285.

⁹ *Ibid.*, p. 286.

Conduzidos pelo Senhor

O melhor lugar para nós é aquele no qual o Senhor deseja que estejamos



Estou indo para minhas aulas de idioma, um dos três mais falados no país. As pessoas me olham, não se incomodam com meu silêncio, sabem que sou estrangeiro. A temperatura está -2°C e estou congelando. Perguntas vêm à minha mente: Que faço aqui? Quem me enviou? Como isso aconteceu?

Chegamos, minha família e eu, para servir ao Senhor na Ásia Central, e passamos um ano trabalhando numa cidade mediana. A paisagem é linda, a região é rodeada por montanhas e tem um clima bem variado. No verão, a temperatura chega aos 40 graus e no inverno pode chegar a 20 graus negativos.

As pessoas são muito boas. Retraídas, não se expressam muito publicamente, pois é deslegante falar alto. Contudo, no diálogo pessoal e no lar, são muito alegres e expressivas. Em uma mesma cidade, há basicamente três culturas diferentes que convivem entre si, o que dificulta um pouco o aprendizado dos costumes locais.

A cidade tem um grupo de 15 adventistas. A realidade vivida por aqui é um grande desafio, pois, neste lugar, a igreja define a cada ano. Os estrangeiros formam a totalidade da igreja e, com o passar do tempo, eles voltam ao país de origem ou morrem.

Durante este ano, estamos conhecendo um novo lugar. Nossos sentimentos e emoções têm variado ao longo dos meses.

Em alguns momentos, é fácil viver aqui; em outros, é difícil. Vivemos situações felizes e outras tristes. Passamos por circunstâncias diferentes daquelas às quais estávamos acostumados. Por exemplo, nos últimos meses, vivemos em sete lugares diferentes (sem contar os dias que passamos em quartos pequenos, hotéis ou aeroportos), e tenho concedido “grandes entrevistas” a policiais civis e militares, além de interrogatórios à polícia secreta. Há também a dificuldade para se fazer compras, pois não entendemos nada do que se fala. Pior ainda é que, depois de alguns meses, quando começamos a entender alguma coisa, descobrimos que temos que aprender mais dois idiomas, a fim de manter boa comunicação.

No entanto, além desses detalhes, a adaptação tem sido gradativa e positiva. Estamos contentes por estarmos aqui. Há poucos dias, enquanto visitávamos alguns familiares na América do Sul, deparei-me com um grande desejo de voltar para continuar nossas atividades.

É claro que em minha mente, várias vezes surgiu a pergunta: “Que faço aqui?”, especialmente quando sentimos dificuldade de nos comunicar com as pessoas. Não estou falando de uma conversa casual, mas de um diálogo profundo, que nos permite uma comunicação verdadeiramente pessoal, sem tradutores. É bem verdade que eles ajudam, mas também limitam a conversação.

Graças a Deus, essa pergunta nunca me trouxe angústia nem preocupação, porque uma das razões pelas quais estou aqui é a certeza de que o Senhor deseja que eu esteja neste lugar. E o melhor lugar para nós é aquele no qual Deus deseja que estejamos.

Nosso desafio é muito grande, nossa função é coordenar o trabalho em todo o sul do país. Durante 2015, abrimos uma escola de idiomas e de esportes. Assim, podemos dedicar algum tempo a crianças, jovens e adultos.

Um casal de amigos, únicos jovens da igreja, compartilhou conosco, talvez sem saber, uma das frases mais lindas que ouvi: “Faz anos que estamos orando por vocês, mesmo sem conhecê-los. Vocês são a resposta das nossas orações.” Não posso deixar de pensar nesta frase: “Vocês são a resposta das nossas orações.” Será que estamos à altura delas? Será que estamos à altura do que o Senhor deseja fazer por meio de nós?

Deixo com você, querido colega, a mesma pergunta. Sem dúvida seu ministério é a resposta a diversas orações. Estará você à altura dessas orações? Estará à altura do que o Senhor deseja fazer por seu intermédio? **RM**

R. P.
Missionário na Ásia Central



Gentileza do autor

O pastor em ação

Dicas para maximizar a eficácia de seu ministério

iniciei meus estudos na faculdade de Teologia com apenas 17 anos. Desde o princípio, eu sonhava em ser pastor de grandes igrejas. Esse desejo persistiu durante todo o período da graduação e nos primeiros anos de meu ministério. Contudo, os desafios e as realidades das demandas pastorais nos primeiros distritos me fizeram abandonar esse ideal.

No entanto, parece que o sonho deixado de lado era justamente o que Deus havia planejado para mim porque, depois de 11 anos de ministério e pelos 20 anos seguintes, tive a oportunidade e o privilégio de pastorear quatro grandes igrejas.

Durante esse período aprendi alguns “segredos” que me ajudaram no exercício do ministério e que gostaria de compartilhar com vocês. Eles são simples, eficazes e se aplicam a qualquer realidade distrital:

Comunhão com Deus – O pastorado não é uma tarefa meramente humana. Se essa verdade for esquecida, existe o risco de se fracassar completamente. Ter relacionamento diário com Deus, no começo do dia, é essencial para o desempenho de nossa vocação. Se isso não for a prioridade do dia, acaba sendo esquecido em meio a tantas tarefas que precisam ser realizadas.

Visitação – O plano da visitação não pode ser negligenciado, mesmo em grandes igrejas e nos grandes centros urbanos. Ao chegar a um novo distrito, eu procurava visitar, nas primeiras semanas, o maior número possível de líderes e membros das

congregações. No decorrer de meu ministério, percebi que durante esse período a procura pelo pastor e os problemas para solucionar ocorrem com menor frequência.

Depois, eu planejava visitas a cada semana, e procurava estar presente em momentos específicos das necessidades dos membros – enfermidade, falecimento de um familiar, nascimento, etc.

Púlpito – Organizar os cultos e planejar as programações são grandes desafios, especialmente nas grandes congregações. Seja pela quantidade de pessoas que frequentam a igreja ou pelo perfil dos adoradores. Essa área deve sempre merecer atenção especial. Precisei dedicar muitas horas ao preparo de sermões, pois houve ocasiões em que preguei três sermões novos numa semana! Ter um calendário de púlpito anual e apresentar temas em série são excelentes recursos.

Relacionamentos – Dependendo do tamanho da igreja ou do distrito, corre-se o risco de os relacionamentos se tornarem impessoais. Para tentar diminuir essa tendência, eu procurava conhecer o nome da maioria dos membros, das crianças e dos convidados. Chamar alguém pelo nome é algo de que todos apreciam. Procure se relacionar com os jovens, adolescentes e crianças. Os pais ficam felizes ao perceber que seus filhos são bem atendidos pelo pastor da igreja.

Trabalho em equipe – Ao reunir-me com a liderança de uma nova igreja, eu

sempre gostava de enfatizar que estava ali para trabalhar em parceria com os líderes. Além disso, quando o pastor se depara com uma igreja numerosa, considerando o fato de que a comissão de uma grande congregação pode facilmente ultrapassar 50 membros, é proveitoso trabalhar com pequenas subcomissões das diferentes áreas/departamentos, as quais podem submeter suas propostas à Comissão da Igreja, facilitando o trabalho administrativo.

Foco evangelístico – O tempo e a energia gastos para manter uma igreja em atividade podem fazer com que facilmente se perca o foco evangelístico. Para que isso não ocorra é preciso que o pastor seja o responsável por manter constantemente o senso missionário diante da igreja. Treinamento evangelístico, iniciativas missionárias, pequenos grupos e ações sociais são algumas das atividades nas quais os membros gostam de se envolver. As igrejas podem ainda patrocinar o envio de jovens como missionários. Em 2009, a igreja que eu pastoreava enviou uma jovem para Cabo Verde, e a manteve ali por um ano realizando projetos evangelísticos.

Pastorear igrejas representa um desafio proporcional ao tamanho que elas têm. Em toda e qualquer situação, o convívio com a realidade congregacional é uma ótima oportunidade para aperfeiçoar e preparar o pastor para as demandas cada vez mais complexas do ministério. **M**



William de Moraes

O caminho da restauração

Livro apresenta abordagem integral para prevenção, tratamento e cura da depressão

Embora a depressão seja uma das principais doenças de nossos dias, muitas pessoas ainda desconhecem as informações básicas sobre ela. Entre cristãos, muitos confundem essa enfermidade com tristeza, falta de fé e, inclusive, ação demoníaca. Neil Nedley, em seu livro *Como Sair da Depressão: Prevenção, Tratamento e Cura* (CPB, 2009, p. 272), ajuda seus leitores a se desvencilharem da ignorância quanto ao assunto, além de sugerir uma estratégia de superação da doença. O autor tem doutorado em medicina pela Universidade de Loma Linda, Estados Unidos. Em sua trajetória profissional, atuou durante quase 20 anos nas áreas de medicina interna, prevenção e estilo de vida, em Ardmore, Oklahoma. Ele ministra cursos de educação continuada para médicos e profissionais de saúde em todo o mundo, além de apresentar seminários para as mais diversas audiências.

Nessa obra, Nedley se propõe a comparar de maneira didática seu método para curar a depressão. O que torna seu plano diferenciado é que o autor sugere o uso de uma abordagem integral do ser humano para superar a doença. A partir de uma ampla pesquisa, evidenciada pelas 958 citações bibliográficas presentes no livro, ele discute as causas, os sintomas e os diversos tratamentos para esse que tem sido considerado o “mal do século”.

Como Sair da Depressão contém 10 capítulos, repletos de quadros informativos que resumem os principais conceitos abordados. Os três primeiros exploram as

maravilhas da mente humana, os perigos ocultos da depressão e as causas da doença. Por sua vez, os capítulos quatro, cinco e seis apresentam como os tratamentos nutricionais, as mudanças no estilo de vida e o uso de ervas e medicamentos podem agir de maneira conjunta para superar a condição depressiva. Já os capítulos sete e oito se dedicam a retratar o estresse e como ele pode desencadear o processo depressivo. O capítulo nove foi separado para explicar de maneira mais detalhada a relação entre o lobo frontal, um dos cinco lobos do córtex humano, e a incidência da depressão. O último capítulo sugere uma estratégia a ser desenvolvida em 20 semanas para vencer a doença.

Muitos motivos fazem dessa obra algo singular. Em primeiro lugar, por ter sido escrita por um médico bem-sucedido no tratamento da depressão, suas orientações estão distantes de qualquer tipo de abordagem superficial ou contrária aos preceitos da boa medicina. Existem atualmente centenas de livros que falam sobre a doença, mas muitos deles são limitados em sua elaboração. Com profundidade acadêmica, *Como Sair da Depressão* é acessível a todos os perfis de leitores, alcançando desde leigos no assunto até psicólogos, médicos, conselheiros e pastores.

Outro ponto destacável do livro está relacionado ao equilíbrio que Nedley



apresenta quanto às abordagens alopática e natural para o combate à depressão. Como médico, ele não ignora a função dos medicamentos. Contudo, ele o faz na perspectiva de que o uso de remédios é recomendável predominantemente no início do

tratamento. Longe de pensar apenas na eliminação dos sintomas, o autor sugere uma reprogramação de vida, que proporcione cura e minimize os perigos de uma recaída.

Por último, destaca-se a visão integral de ser humano defendida pelo autor. Sem fazer proselitismo, mas sendo muito claro quanto às suas crenças cristãs, Nedley incentiva os leitores a considerar, além dos aspectos físicos e mentais, a importância da dimensão espiritual, conforme retratada na Bíblia, no processo de cura da doença. Ele afirma que a chave para o sucesso no tratamento é “colocar o corpo dentro do equilíbrio que Deus originalmente planejou, com dieta apropriada e decisões pelo estilo de vida e, acima de tudo, pelo estudo de Sua Palavra e pela confiança em Sua direção” (p. 130).

Como Sair da Depressão é indicado para toda pessoa que deseja conhecer mais a respeito dessa doença, estar mais bem preparado para acompanhar e aconselhar pessoas que estejam sofrendo desse mal, além de ajudar o próprio leitor a minimizar os riscos de ser acometido pela depressão. **M**

Gatilhos da depressão



Daniel Oliveira

O termo depressão, que pode ser utilizado para designar tristeza comum, síndrome, sintoma, doença ou um conjunto delas, está cada vez mais presente na sociedade contemporânea, retratado na literatura como fenômeno complexo, com origens biológicas, psíquicas e sociais. Entretanto, quais são os mecanismos geradores de tensão e estresse que podem funcionar como gatilhos para essa enfermidade?

Segundo Bronfenbrenner e Morris (*Handbook of Child Psychology*, 1998), os quatro elementos envolvidos nessa dinâmica são a pessoa, o contexto, o tempo e o processo. Isso indica que a depressão, como experiência humana, pode extrapolar o nível exclusivamente biológico de análise.

Assim, entre as características desejáveis nas relações humanas para minimizar a possibilidade de desenvolver a doença, encontram-se:

(1) O *envolvimento conjunto* das pessoas em atividades que lhes sejam significativas.

(2) Atividades regulares e *com* pessoas que o indivíduo sente que *lhe querem bem*, não sendo suficiente mera repetição mecânica ou friamente profissional.

(3) *Diálogo bidirecional*, ou seja, as pessoas precisam ter oportunidade de se sentir seguras e à vontade para se expressar sem o temor constante de serem condenadas e rejeitadas.

(4) Relações afetivas *positivas, genuínas* e de confiança mútua.

(5) *Equilíbrio de poder* entre as pessoas, seja entre pais e filhos ou líderes e liderados, minimizando a sensação de insegurança nas relações hierárquicas institucionais ou familiares.

As experiências imediatas ou indiretas da pessoa fazem parte de um sistema social em camadas interligadas. Além



Como ministros do Senhor, temos a responsabilidade de construir relações mais respeitadas, singulares, saudáveis e prazerosas no exercício do ministério pastoral”

disso, o sistema estrutural mais amplo da sociedade como *crenças, valores* e *cultura* também estão envolvidos, inevitavelmente, de forma direta ou indireta, com a qualidade de vida individual e do grupo no qual se está inserido.

Por esse motivo, estudos têm revelado que a *religião* e a *família*, como contextos de desenvolvimento, podem funcionar de forma ambivalente, o que significa que podem ser bons ou ruins para a saúde mental da pessoa, dependendo de como são utilizadas e percebidas pelo indivíduo. Por exemplo, família e igreja funcionam como solo psicológico de modo a atender diferentes necessidades dos seres humanos, proporcionando significado à vida, senso de pertencimento e segurança. Além disso, servem como suporte em momentos de crise, favorecendo estratégias para lidar com diferentes tensões em diversas situações da existência.

Em contrapartida, ambos os contextos podem promover situações percebidas e identificadas como estruturas que oferecem suporte e acolhimento insuficientes, reduzindo o espaço livre necessário para saúde da pessoa e do grupo, ou frustrando suas expectativas de aceitação e valorização na família e na igreja.

Essas atitudes podem contribuir para gerar, agravar ou prevenir situações estressantes, as quais possibilitam disparar *algum* dos diversos gatilhos para a depressão, inclusive entre líderes, na igreja e na família. A conscientização disso tudo nos alerta, como ministros do Senhor, para a responsabilidade de, pela graça de Deus, construir relações mais respeitadas, singulares, saudáveis e prazerosas no exercício do ministério pastoral. **M**

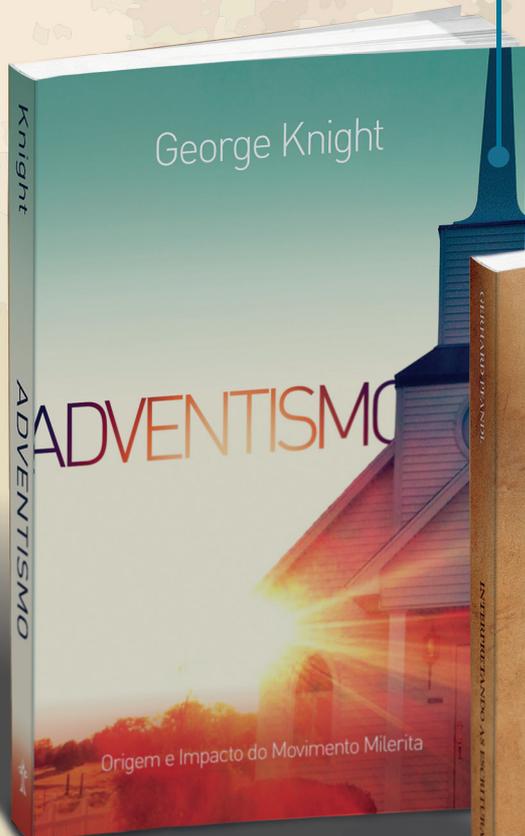
Demóstenes Neves da Silva

Doutor em Psicologia, professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, campus Cachoeira, BA.

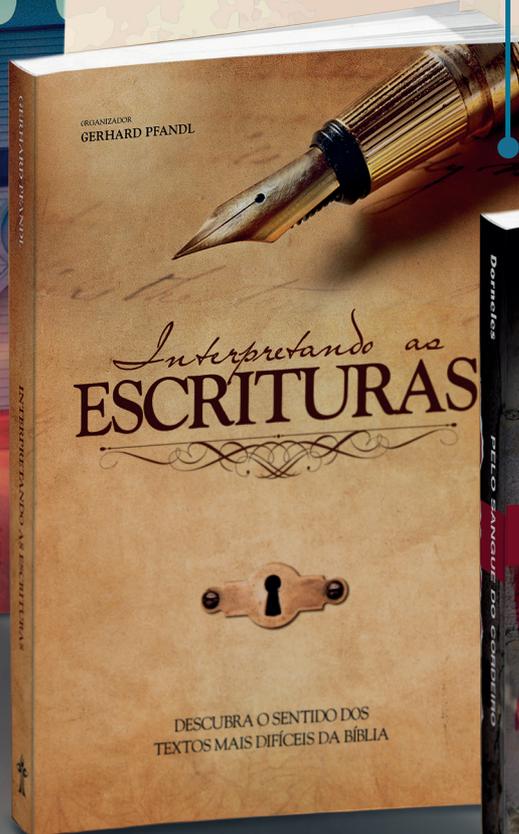
INDISPENSÁVEL PARA O ESTUDANTE DA BÍBLIA

Aprenda a estudar efetivamente e entender a mensagem da revelação de Deus.

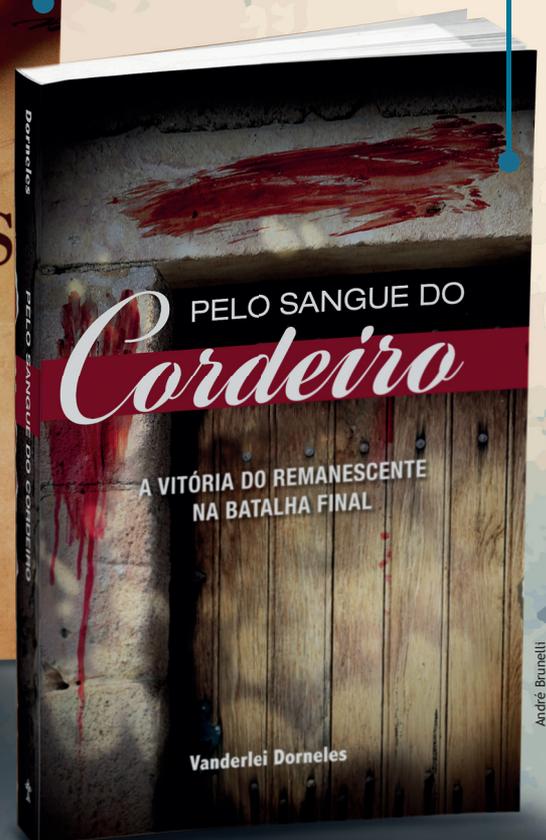
Neste livro, George Knight reconta a história do grande desapontamento e investiga a dinâmica vital que tornou o Movimento Milerita um marco histórico para o cristianismo.



Esta obra foi escrita para pessoas que, às vezes, encontram dificuldades para compreender certos textos da Bíblia.



Este livro ajudará você a firmar sua fé no terreno sólido da Palavra de Deus e tornar-se vitorioso pelo sangue do Cordeiro.



  /casapublicadora

Ligue
0800-9790606
Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Acesse
www.cpb.com.br
Ou dirija-se a uma CPB livraria



Se preferir, envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA, e entraremos em contato com você.